

# sedução na noite



SHERRILYN KENYON

*Tradução de Rita Guerra e Eduardo Fernandes*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido



*Para as fãs e amigas que me ajudam a avançar, contra todas as provações, e em especial as senhoras do RBL e aquelas entre vós que visitam o meu site Dark-Hunter.com. O vosso apoio significa mais, para mim, do que alguma vez saberão.*

*A Kim e Nancy pelo árduo trabalho que fazem em meu nome, obrigada. Sinceramente nunca poderei dizê-lo o suficiente.*

*Ao meu marido e aos meus filhos, que se veem a braços com a minha imaginação desenfreada e, acima de tudo, à minha mãe que me fez as vontades quando era nova. Tenho saudades tuas, Mãe, e sempre terei. Muito amor e abraços para todos vocês.*



*Diálogo*

**FELIZ** aniversário, Agripina — disse Valério, enquanto colocava uma única rosa vermelha aos pés da estátua de mármore que guardava num local sagrado da sua casa.

Não era nada, comparado com o lugar sagrado que a mulher em si tinha ocupado no seu coração enquanto vivera. Um lugar que ainda ocupava, mesmo passados dois mil anos.

Fechando os olhos, sentiu-se esmagado pela dor da sua perda. Esmagado pela culpa de os últimos sons que ouvira enquanto mortal terem sido os seus violentos soluços, enquanto ela clamava pela sua ajuda.

Incapaz de respirar, ergueu um braço e tocou na sua mão de mármore. A pedra era dura. Fria. Inflexível. Coisas que Agripina nunca fora. Numa vida definida pela formalidade brutal e pela rudeza, ela tinha sido o seu único refúgio.

E ainda a amava pela calma doçura que ela lhe dirigira.

Agarrou a mão delicada entre as suas duas mãos, depois pousou o rosto na fria palma de pedra.

Se lhe pudesse ser concedido apenas um desejo, seria recordar-se do exato som da sua voz.

Sentir o calor dos dedos dela nos seus lábios.

Mas o tempo roubara-o de tudo, exceto da agonia que ele lhe causara. Morreria outras dez mil vezes, se isso a pudesse poupar à dor daquela noite.

Infelizmente, não havia como voltar atrás no tempo. Não havia como

obrigar as Parcas a desfazer as suas ações e a dar-lhe a felicidade que ela devia ter conhecido.

Tal como não havia nada que pudesse encher o doloroso vazio que a morte de Agripina deixara dentro de si.

Cerrando os dentes, Valério afastou-se e reparou que a chama eterna que ardia ao seu lado se estava a apagar.

— Não te preocupes — disse à imagem. — Não te deixarei no escuro. Prometo.

Tratava-se de um promessa que lhe fizera enquanto ela fora viva e, mesmo depois de morta, nunca a quebrara. Durante mais de dois mil anos mantivera-a na luz, ainda que ele fosse obrigado a viver na escuridão que a aterrorizava.

Valério atravessou o solário até chegar ao grande aparador de estilo romano onde se encontrava o óleo para a sua chama. Retirou o óleo do centro da mesa e levou-o até à estátua; depois subiu para o pedestal de madeira e deitou o óleo que ainda restava na lamparina.

Naquela posição, a sua cabeça ficava à mesma altura da dela. O escultor que contratara, séculos atrás, conseguira capturar cada curva delicada e cada covinha do seu rosto precioso. Só a memória de Valério lhe juntava o tom de mel do cabelo. O verde forte dos olhos. Agripina fora perfeita na sua beleza.

Suspirando, Valério tocou-lhe no rosto antes de descer. Não valia a pena remoer o passado. O que estava feito estava feito.

Agora, jurara proteger os inocentes. Guardar a humanidade e garantir que mais nenhum homem perdia uma luz tão preciosa para a sua alma, como Valério perdera.

Tendo-se assegurado que a chama aguentaria até à noite seguinte, Valério inclinou a cabeça, respeitosamente, à estátua.

— *Amo* — disse-lhe, sussurrando em Latim.

Era algo que desejava ardentemente ter tido a coragem de lhe dizer em voz alta enquanto ela era viva.

*Capítulo*

UM

**ESTOU-ME** nas tintas se me atiram para o poço mais fundo e viscoso para toda a eternidade. Eu pertenço aqui e ninguém me vai obrigar a sair. Ninguém!

Tabitha Devereaux respirou fundo e lutou para não discutir, enquanto tentava abrir as algemas que a irmã Selena usara para a prender ao portão de ferro forjado que rodeava a famosa Jackson Square. Selena escondera a chave no *soutien* e Tabitha não tinha qualquer desejo de procurar ali por ela.

Sem dúvida isso faria com que ambas fossem presas, mesmo em Nova Orleães.

Felizmente havia pouca gente na rua, a meio de outubro, no lusco-fusco, mas as poucas pessoas que ali se encontravam ficavam todas a olhar para ela ao passar. Não que Tabitha se importasse. Estava mais do que habituada a que as pessoas olhassem para ela e a achassem estranha. Até louca.

Orgulhava-se de ambos. Também se orgulhava de estar disponível para ajudar os amigos e a família em momentos de crise. E, agora, a irmã mais velha estava num turbilhão emocional só ultrapassado por aquele em que Selena se encontrara quando o marido, Bill, se envolvera num acidente de viação e quase perdera a vida.

Tabitha mexeu no relógio. A última coisa que queria era que a irmã fosse presa.

Outra vez.

Selena tentou afastá-la, mas Tabitha recusou mexer-se, por isso Selena mordeu-a.

Tabitha saltou para trás, com um grito, enquanto abanava a mão numa tentativa de aliviar a dor. Sem sentir quaisquer remorsos, Selena sentou-se nos degraus de pedra que davam acesso à praça. Tinha vestido um par de calças de ganga rasgadas e uma grande camisola azul-escura que pertencera a Bill. O cabelo castanho, longo e encaracolado, estava preso numa trança e estranhamente composto. Ninguém reconheceria Madame Selene, como era conhecida pelos turistas, se não fosse pelo grande cartaz que empunhava e onde estava escrito “Os psíquicos também têm direitos”.

Desde a aprovação da lei, idiota e burra, que determinava que os psíquicos já não podiam ler as cartas aos turistas, na praça, que Selena a combatia. Horas atrás, a polícia escorraçara-a de um edifício federal por protestar; por isso Selena fora até ali e acorrentara-se ao portão, não muito longe do local onde outrora montara a sua mesa e lera o futuro das pessoas.

Era uma pena que não fosse capaz de ver o seu futuro tão bem como Tabitha. Se Selena não se soltasse daquela maldita vedação, ia passar a noite na cadeia.

Muito excitada e furiosa, Selena não parava de abanar o seu cartaz. Não havia como chamá-la à razão. Mas Tabitha também estava habituada a isso. Emoções fortes, determinação e insanidade corriam profundamente no sangue cajun-romeno da sua família.

— Vamos, Selena — disse ela, tentado, mais uma vez acalmá-la. — Já está escuro. Não queres servir de isco para *daemon*, pois não?

— Não quero saber! — Selena fungou e fez beicinho. — De qualquer forma, os *daemon* não comerão a minha alma, porque eu não tenho vontade de viver. Só quero a minha casa de volta. Este é o meu lugar e não vou desistir dele. — Pontuou cada uma das palavras com uma batida do cartaz contra as pedras.

— Ótimo. — Suspirando em sinal de desespero, Tabitha sentou-se perto dela, mas não tão perto que Selena a pudesse voltar a morder. Não ia deixar a sua irmã mais velha ali sozinha. Em especial tendo em consideração que Selena estava tão perturbada.

Se os *daemon* não a apanhassem, um ladrão apanharia.

E, por isso, ficaram as duas ali sentadas, como dois altos num tronco: Tabitha toda vestida de preto, com o cabelo castanho-avermelhado, escuro, puxado para trás e preso por um travessão prateado, e Selena a abanar o seu cartaz a todos os que se aproximavam delas, na avenida pedonal, incitando-os a assinar a sua petição para mudar a lei.

— Hei, Tabby. O que é que se passa?

Era uma pergunta retórica. Tabitha acenou a Bradley Gambieri, um



dos voluntários que acompanhavam os turistas em busca de vampiros pelas ruas do Bairro Francês e se dirigia naquele momento ao centro de turismo para deixar mais algumas brochuras. Nem sequer parou. Mas franziu o sobrolho a Selena que lhe chamou um nome imaginativo porque ele não quisera assinar a petição.

Ainda bem que ele as conhecia, caso contrário poderia ter ficado realmente ofendido.

Tabitha e a irmã conheciam a maior parte dos locais que frequentavam o Bairro. Tinham crescido ali e caçado na zona em redor da praça, desde a adolescência.

Claro que as coisas tinham mudado ao longo dos anos. Algumas lojas tinham aberto e fechado. O Bairro era muito mais seguro, naqueles dias, do que fora no final dos anos oitenta e no início dos noventa. No entanto, algumas coisas permaneciam iguais. A padaria, o Café Pontalba, o Café Du Monde e o Corner Café continuavam no mesmo sítio. Os turistas ainda se reuniam na Praça para fitar a catedral e os nativos coloridos que por ali passavam... e os vampiros e ladrões continuavam a percorrer as ruas em busca de vítimas fáceis.

Sentiu que os pelos na parte detrás do pescoço se eriçavam.

Tabitha levou, instintivamente, a mão à bainha escondida na bota, onde se encontrava um punhal fino, e analisou a diminuta multidão de outubro em seu redor.

Nos últimos treze anos, Tabitha fora uma caçadora de vampiros autodidata. Era um dos poucos humanos de Nova Orleães a saber, de facto, o que se passava naquela cidade depois de escurecer. Tinha cicatrizes, por dentro e por fora, devido às suas batalhas com os malditos. E jurara dar a sua vida para que mais ninguém se magoasse durante o seu turno.

Era um juramento que levava a sério; estava disposta a matar qualquer um ou qualquer coisa.

Mas, quando o seu olhar caiu sobre o homem alto e exoticamente erótico, de mochila preta, a virar a esquina, vindo do edifício do Presbitério, relaxou.

Já há alguns meses que ele não visitava a cidade. Na verdade, sentira muito mais a sua falta do que devia.

Contra a sua vontade, e o seu bom senso, Acheron Parthenopaeus tinha conseguido abrir caminho até ao seu coração. Mas era difícil não adorar Ash.

O seu passo longo e sensual era impossível de ignorar e todas as mulheres da Praça, com exceção da furiosa Selena, estavam enfeitiçadas pela sua presença. Todas paravam para olhar para ele, como se atraídas por uma força invisível.

Ele libertava uma aura poderosa e selvagem; e, pelos seus movimentos lentos e langorosos, era óbvio que seria incrível na cama. Era algo que se sabia intrinsecamente, mal se olhava para ele, e essa certeza percorria o corpo como um sedutor chocolate quente.

Com dois metros e três de altura, Ash saltava à vista no meio da multidão. Como ela, estava todo vestido de preto.

A *t-shirt* dos Godsmack estava solta e ficava-lhe um pouco grande mas, ainda assim, não era o suficiente para esconder o facto de Ash ser muitíssimo bem constituído. As calças de cabedal, feitas por medida, envolviam um traseiro tão perfeito que pedia para ser agarrado.

Não que ela alguma vez o fizesse. Havia algo de indefinível em seu redor que avisava todos os que se aproximavam que o melhor era manterem as mãos para si, se quisessem continuar a respirar.

Ela sorriu ao reparar nas botas. Ash tinha uma queda por roupas góticas alemãs. Naquela noite estava a usar um par de botas de *motard* pretas com nove fivelas em forma de morcego a todo o comprimento.

Trazia o cabelo, comprido e preto, solto, caindo-lhe em redor dos ombros. Era o enquadramento perfeito para um rosto que era fantasmagoricamente belo e, ao mesmo tempo, absolutamente masculino. Impecável. Havia algo em Ash que fazia com que todas as hormonas do seu corpo se erguessem e arfassem por mais.

No entanto, apesar de toda a atração sexual que suscitava nela, a sua aura era tão negra e mortal que a impedia de pensar nele como algo mais do que um amigo.

E ele tinha sido seu amigo desde que se tinham conhecido, no casamento da sua irmã gémea, Amanda, há três anos. Desde então, os seus caminhos tinham-se cruzado repetidamente, sempre que ele visitava Nova Orleães e a ajudava a manter a guarda contra os predadores da cidade.

Agora fazia parte da sua família, em especial porque ficava muitas vezes na casa da sua irmã gémea e era, de facto, o padrinho da filha de Amanda.

Ele parou ao lado dela e inclinou a cabeça. Como ele tinha os óculos de sol postos, Tabitha não conseguia perceber se estava a olhar para ela ou Selena. Mas era óbvio que ambas o deixavam perplexo.

— Olá, borracho — disse Tabitha. Sorriu ao perceber que a *t-shirt* dele era um tributo à canção “Vampires” dos Godsmack. Ironicamente apropriado, tendo em conta que Ash era um imortal equipado com o seu próprio par de presas. — Bela camisola.

Ignorando o cumprimento, ele tirou a mochila preta do ombro e levantou os olhos, revelando os seus fantasmagóricos olhos prateados e rodopiantes, que pareciam brilhar no escuro.

— Há quanto tempo é que a Selena esta algemada à vedação?  
— Cerca de meia hora. Pensei que era melhor ficar por aqui e impedir que se torne na espetada de um qualquer *daemon*.  
— Quem me dera — murmurou Selena. Ergueu a voz e agitou os braços num gesto largo. — Aqui estou, vampiros, venham e ponham um fim ao meu sofrimento!  
Tabitha e Ash trocaram um olhar meio divertido, meio irritado, perante tamanho dramatismo.  
Ash avançou para se sentar ao lado de Selena.  
— Olá, Lanie — disse, baixinho, mantendo a mochila aos pés.  
— Vai-te embora, Ash. Não saio daqui enquanto não revogarem a lei. Eu pertenço a esta Praça. Fui criada aqui.  
Ash acenou, indicando que compreendia.  
— Onde está o Bill?  
— Ele é um traidor! — rosnou Selena.  
Tabitha respondeu à pergunta.  
— O mais certo é que esteja no tribunal a pôr gelo numas certas partes, depois de Selena o ter agredido e acusado de ser “o homem que a impede de crescer”.  
O rosto de Ash suavizou-se, como se a ideia o divertisse.  
— Foi merecido — disse Selena, defensivamente. — Ele disse-me que a lei é a lei e eu tenho de lhe obedecer. Que se lixe. Não vou a lado nenhum até a mudarem.  
— Parece que vou ficar aqui durante algum tempo — disse Tabitha, melancolicamente.  
— Podes fazê-los revogar a lei — disse Selena, voltando-se para Ash.  
— Não podes?  
Ash inclinou-se para trás, contra a vedação, sem tecer qualquer comentário.  
— Não te aproximes muito dela, Ash — avisou Tabitha. — É famosa por morder.  
— Já somos dois — disse ele, com um toque de humor na voz, enquanto mostrava as presas. — Mas desconfio que a minha dentada é capaz de doer um pouco mais.  
— Não tens piada — disse Selena, séria.  
Ash envolveu o ombro de Selena com o braço.  
— Vamos, Lane. Sabes que ficares aqui não vai mudar nada. Mais cedo ou mais tarde, vai passar por aqui um polícia...  
— E eu vou atacá-lo.  
Ash agarrou-a com mais força.  
— Não os podes atacar por fazerem o seu trabalho.

— Posso, sim!

Mesmo lidando com a Rainha da Histeria, ele conseguiu manter a calma.

— Não. Eu quero a minha banca de volta — disse Selena, a voz quebrada pelo sofrimento e pela dor.

Tabitha sentia o próprio peito apertado, partilhando a sua agonia.

— Não estava a fazer mal a ninguém por ter aqui a minha mesa. Este espaço é meu. Tenho a minha banca aqui, neste preciso lugar, desde 1986! Não está certo que me obriguem a partir só porque esses artistas idiotas têm ciúmes. Quem é que quer um dos seus quadros manhosos do Bairro? São idiotas. O que é Nova Orleães sem os seus psíquicos? Mais uma cidade turística, aborrecida e degradada, é o que é!

Ash abraçou-a, com simpatia.

— Os tempos mudam, Selena. Acredita em mim, eu sei, e por vezes não há nada que se possa fazer, a não ser esquecer. Por muito que se queira parar o tempo, ele tem de avançar e mudar para algo diferente.

Tabitha ouviu a tristeza na voz dele enquanto confortava a irmã. Ash estava vivo há mais de onze mil anos. Lembrava-se de Nova Orleães desde o tempo em que quase não se lhe podia chamar cidade. Agora que pensava nisso, provavelmente lembrava-se de Nova Orleães antes de esta ter sido reclamada por qualquer civilização.

Se alguém conhecia a mudança era Acheron Parthenopaeus.

Ash limpou as lágrimas do rosto de Selena e ergueu-lhe o queixo para que ela pudesse fitar o edifício do lado oposto da estrada.

— Sabes, aquele edifício está à venda. “O Salão de Tarot Místico da Madame Selene”. Consegues imaginar?

Selena resfolegou.

— Sim, pois. Como se eu o pudesse pagar. Fazes ideia do preço das propriedades nesta zona?

Ash encolheu os ombros.

— O dinheiro não é um problema para mim. Basta uma palavra e será teu.

Selena fitou-o. Piscou os olhos como se não conseguisse acreditar no que ele lhe estava a oferecer.

— A sério?

Ele acenou.

— Podes pôr um cartaz aqui mesmo, guiando as pessoas para a tua loja, novinha em folha, onde lhes poderás ler as cartas até cair para o lado.

Vendo, por fim, uma solução para a demência temporária da irmã e sentindo-se grata a Ash por isso, Tabitha inclinou-se para a frente, de forma a olhar para Selena.

— Sempre disseste que gostavas de estar num sítio onde a chuva não corresse contigo.

Selena limpou a garganta, enquanto considerava a oferta.

— Seria bom olhar para fora de um edifício em vez de para dentro.

— Sim — disse Tabitha. — Deixarias de congelar no inverno e ficar com bolhas no verão. Controlo climatérico, o ano inteiro. Não terias de empurrar o carrinho até aqui e montar a mesa e as cadeiras. Até podias pôr uma estante na sala dos fundos e enchê-la com todos os tipos de baralhos de cartas de Tarot. A Tia ficaria cheia de ciúmes porque sempre quis ter uma loja mais perto da Praça. Pensa nisso.

— Queres? — perguntou Ash.

Selena acenou, entusiasmada.

Ash agarrou no telemóvel e marcou um número.

— Hei, Bob — disse, depois de uma breve pausa. — É o Ash Parthenopaeus. Está um edifício à venda em Jackson Square... sim, esse. Quero-o. — Dirigiu a Selena um sorriso de lábios apertados. — Não, não preciso de o ver. Traz-me só as chaves amanhã de manhã. — Afastou o telefone. — A que horas te podes encontrar aqui com ele, Selena?

— Dez?

Ele repetiu ao telefone.

— Sim, e faz a escritura em nome de Selena Laurens. Passo por aí amanhã à tarde para tratar do pagamento. Certo. Diverte-te. — Ash desligou o telefone e voltou a guardá-lo no bolso.

Selena sorriu-lhe.

— Obrigada.

— Sem problemas. — Mal ele se levantou a algema caiu, libertando a vedação e o braço de Selena.

Céus, aquele homem tinha poderes assustadores. Tabitha só não sabia ao certo o que era mais impressionante. O facto de ter libertado as algemas de Selena sem um arranhão ou o facto de gastar, assim, alguns milhões de dólares sem hesitar.

Estendeu a mão a Selena e ajudou-a a levantar.

— Só não te esqueças de ter muitas coisas claras e brilhantes para a Simi comprar sempre que estivermos por aqui.

Tabitha riu com a referência ao demónio... qualquer coisa... de Ash. Tabitha ainda não sabia se Simi era namorada de Ash ou o que era. Os dois tinham uma relação muito estranha.

Simi exigia e Ash dava, sem hesitar.

A menos que isso envolvesse Simi matar e comer alguém. Só nessas ocasiões é que ela vira Ash recusar qualquer coisa ao demónio que mantinha em segredo da maior parte dos seus Predadores da Noite. A única ra-

ção por que Tabitha sabia da existência de Simi era pelo facto de o demónio se juntar, muitas vezes, a eles quando iam ao cinema.

Por alguma razão Ash adorava ir ao cinema e Tabitha acompanhara-o nos últimos dois anos. Os seus filmes favoritos eram os de terror e ação. Entretanto, Simi revelara-se um ser deveras incomum e exigente, que o obrigava a assistir a filmes de “miúdas” que, muitas vezes, deixavam Ash a rosnar.

— Por onde anda a Simster, esta noite? — perguntou Tabitha.

Ash passou a mão pela tatuagem de um dragão no antebraço.

— Anda por aí. Mas ainda é cedo para ela. Não gosta de andar cá por fora até, pelo menos, às nove. — Atirou a mochila para o ombro.

Selena ergueu-se em bicos dos pés e puxou Ash para o poder abraçar.

— Vou ter sempre toda a linha Kirk's Folly só para a Simi.

Sorrindo, ele deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Acabaram-se as algemas, certo?

Selena afastou-se.

— Bem, o Bill disse que eu podia protestar mais logo, no quarto, com ele e estou-lhe a dever uma pelo pontapé que lhe dei, por isso...

Ash riu, enquanto Selena apanhava as algemas do chão.

— E ainda te perguntas porque é que eu sou louca — disse Tabitha, enquanto Selena as guardava no bolso de trás das calças.

Ash voltou a baixar os óculos para tapar os fantasmagóricos olhos prateados e rodopiantes.

— Pelo menos é divertida.

— E tu és demasiado caridoso. — Mas isso era o que Tabitha mais gostava em Ash. Ele via sempre o que há de bom nas pessoas. — Então o que vais fazer esta noite? — perguntou a Ash, enquanto Selena dobrava o cartaz escrito à mão.

Antes que ele pudesse responder, uma grande Harley aproximou-se a roncar, descendo St. Anne. Quando chegou à curva que levaria o condutor ao longo de Royal Street, a mota parou e foi desligada.

Tabitha observou enquanto o condutor, alto e esguio, completamente vestido de cabedal preto, segurava a mota entre as pernas, com facilidade, e tirava o capacete.

Para sua surpresa tratava-se de uma mulher afro-americana, e não de um homem, que pousou o capacete à sua frente, sobre o tanque de combustível da mota e abriu o casaco. Lindíssima, era esguia mas musculosa, de pele castanha e impecável. Tinha o cabelo preto como azeviche preso em pequenas tranças puxadas para trás num rabo-de-cavalo.

— Acheron — disse ela, com um sotaque caribenho, cantado. — Onde estaciono a mota?

Ash apontou para Decatur Street, atrás dele.

— Há um parque de estacionamento público do outro lado da Brewery. Espero aqui até regressares.

O olhar da mulher pousou-se em Tabitha, depois em Selena.

— São amigas — disse Ash. — Tabitha Devereaux e Selena Laurens.

— As cunhadas do Kyrian?

Ash acenou.

— Sou a Janice Smith — disse-lhe ela. — É bom conhecer amigas dos Hunters.

Tabitha tinha a certeza de que se tratava de um jogo de palavras, gerado não tanto pelo apelido de Kyrian como a sua antiga ocupação como um dos guerreiros imortais que, como Janice e Ash, protegiam a noite de vampiros, *daemon* e deuses irados.

Janice ligou a mota e afastou-se ruidosamente.

— Um novo Predador da Noite? — perguntou Selene antes que Tabitha tivesse oportunidade de o fazer.

Ele acenou.

— A Ártemis transferiu-a para aqui, de Florida Keys, para ajudar o Valério e o Jean-Luc. Esta é a primeira noite dela, por isso achei que a podia levar a passear pela cidade.

— Precisas de ajuda? — perguntou Tabitha.

— Não. Eu dou conta do recado. Tenta só não voltar a espetar uma estaca no Jean-Luc se te cruzares com ele.

Tabitha riu perante a referência à noite em que se tinha, inadvertidamente, cruzado com o Predador da Noite pirata. Estava escuro e Jean-Luc tinha-a agarrado por trás, num beco, enquanto ela perseguia um grupo de *daemon*. Tudo o que vira foram presas e altura, por isso atacara.

Jean-Luc ainda não a perdoara.

— Não consigo evitar. No escuro, as presas são todas iguais.

Ash sorriu.

— Sim. Percebo o que queres dizer. Para nós as almas também são todas iguais.

Tabitha abanou a cabeça, continuando a rir. Passou o braço em redor de Selena e dirigiu-se para Decatur, onde Selena deixara o jipe, do outro lado da estrada.

Não demorou muito tempo a levar a irmã para casa e a entregá-la a um muito hesitante Bill, que não tinha a certeza se Selena o ia voltar a agredir ou não. Assim que Tabitha se convenceu que Selena ia ficar bem... e Bill também... regressou ao Bairro para iniciar a sua patrulha em busca de *daemon*.

Era uma noite relativamente calma. Seguiu a sua rotina habitual, parando no Café Pontalba para comprar as suas quatro doses de feijão vermelho com arroz e Colas para levar, transportando, depois, as refeições para um beco junto a Royal Street, onde se reuniam muitos dos sem-abrigo. Como os dirigentes da cidade tinham decidido cair em cima dos vagabundos e sem-abrigo, já não eram tão visíveis como antes. Agora, tal como os vampiros que ela procurava, mantinham-se nas sombras onde ficavam esquecidos.

Mas Tabitha sabia que estavam lá e nunca se permitia esquecê-los.

Tabitha deixou a comida sobre um velho barril enferrujado e virou-se para partir.

Mal chegou ao limite do passeio, ouviu pessoas que se apressavam em direção à comida.

— Hei, se quiserem um emprego...

Mas, antes que pudesse dizer mais uma palavra, já tinham desaparecido.

Suspirando, Tabitha dirigiu-se para Royal. Não podia salvar o mundo, sabia-o. Mas, pelo menos, podia assegurar-se de que alguns dos esfomeados eram alimentados.

Sem um destino específico em mente, vagueou ao longo das ruas solitárias e olhou para as montras das joalherias.

— Hei, Tabby, mataste algum vampiro, ultimamente?

Ela ergueu os olhos e viu Richard Crenshaw, que avançava na sua direção. Um empregado de mesa em Mike Anderson's Seafood, a apenas algumas portas da sua loja, tinha o péssimo hábito de a visitar, sempre que saía do trabalho, e atirar-se às *strippers* que lhe encomendavam roupas feitas por medida.

Como sempre, ria-se dela. Não fazia mal. A maior parte das pessoas fazia-o. De facto, a maior parte das pessoas achava que ela era louca. Até a sua própria família se rira dela durante anos... até a irmã gémea ter casado com um Predador da Noite e enfrentado um vampiro que quase a matara.

De súbito, a família compreendeu que as histórias sobrenaturais que fora partilhando ao longo dos anos não eram alucinações ou invenções.

— Sim — disse a Richard —, transformei um em pó, a noite passada.

Ele revirou os olhos e riu, enquanto prosseguia caminho.

— Não tens de quê, Dick — disse ela, num sussurro, enquanto prosseguia. O *daemon* que ela matara tinha estado a rondar a porta das traseiras do Mike Anderson's, onde Richard costumava ir deitar o lixo fora, mesmo antes de ele sair. Se Tabitha não tivesse morto o *daemon*, o mais provável era que Richard estivesse morto.



Paciência. Ela não queria que lhe agradecessem pelo que fazia e, certamente, não o esperava.

Continuou a descer a rua, sentindo-se muitíssimo só. Como gostava de poder viver a sua vida, cega, sem saber as coisas que andavam na noite.

Mas não era cega. Sabia, e com esse conhecimento vinha a escolha entre ajudar as pessoas ou virar as costas. Tabitha nunca fora o tipo de pessoa capaz de virar as costas a alguém. Os seus poderes de empatia eram, por vezes, demasiado fortes. Sentia a dor dos outros mais profundamente do que a sua.

Fora isso que atraía Ash até si, de início. Ao longo dos últimos três anos, ele ensinara-lhe vários truques para refrear as emoções dos outros e se concentrar nas suas. Tinha sido uma dádiva dos céus e fizera mais pela sua sanidade do que qualquer outra pessoa. Ainda assim, os seus truques não traziam o silêncio absoluto.

Por vezes era verdadeiramente esmagador. Era de tal forma bombardeada por emoções intensas que as suas ficavam fora de controlo, fazendo com que atacasse verbalmente os outros, tal era a pressão que sentia.

Por isso ali estava ela, sozinha, passando mais uma noite solitária a percorrer as ruas, arriscando a vida por pessoas que se riam dela.

Tabitha forçou-se a não pensar em Trish e Alex, ambos falecidos no cumprimento do seu dever. Mas era escusado. Os seus olhos encheram-se de lágrimas e ela tocou na cicatriz do rosto, que o *daemon* Desiderius lhe fizera. Um psicopata do pior, Desiderius estava determinado a matar a sua irmã gémea e o seu cunhado. Felizmente, Amanda e Kyrian tinham sobrevivido. Tabitha só desejava ter sido morta nessa noite, em lugar dos seus amigos. Não estava certo que fossem eles a pagar um preço tão alto, quando fora Tabitha quem os convencera a ajudá-la.

Deus, porque é que não mantivera a boca fechada e não os deixara sozinhos, para viverem as suas vidas na ignorância e em paz?

Era por isso que agora lutava sozinha. Nunca mais voltaria a pedir a alguém que arriscasse a vida para fazer o que ela fazia.

Eles tinham uma escolha.

Ela não.

Tabitha engoliu em seco, ao sentir o formigueiro familiar, a meio das costas.

*Daemon...*

Estavam atrás dela.

Voltando-se, ajoelhou-se, fingindo estar a dar um nó nos atacadores das botas. Entretanto, permanecia atenta às seis sombras que se aproximavam dela...

...

VALÉRIO puxou pela ponta da luva de cabedal Coach da mão direita, para a ajustar, enquanto percorria a rua quase deserta. Como sempre, estava impecavelmente vestido com um casaco de caxemira preto, uma camisola de gola alta preta e calças pretas. Ao contrário da maioria dos Predadores da Noite, não era um bárbaro que só vestia cabedal. Era a epítome da sofisticação. Da educação. Da nobreza. A sua família descendia de uma das mais antigas e respeitadas famílias nobres de Roma. Como um ex-general romano cujo pai fora um respeitado senador, Valério teria de bom grado seguido os passos do pai não fosse a intervenção das Parcae, ou Parcas.

Mas isso era o passado e Valério recusava recordá-lo. Agripina era a única exceção a essa regra. Era a única coisa da sua vida humana que recordava.

Era a única coisa da sua vida humana que *valia a pena* ser recordada.

Valério tremeu e concentrou os seus pensamentos noutras coisas, bem menos dolorosas. Havia um frio no ar que anunciava a breve chegada do inverno. Não que Nova Orleães *tivesse* inverno quando comparado com aquilo a que se habituara em Washington.

Ainda assim, quanto mais tempo ali passava, mais fino se tornava o seu sangue e o frio ar da noite começava a afetá-lo.

Valério parou quando os seus sentidos de Predador da Noite detetaram a presença de um *daemon*. Inclinando a cabeça, escutou com a sua audição apurada.

Ouviu um grupo de homens que ria da sua vítima.

E, depois, a coisa mais estranha...

— Ri, idiota. Mas quem ri por último ri melhor, e eu tenciono rebolar pelo chão a rir à gargalhada.

Começou um combate.

Valério girou sobre os calcanhares e avançou na direção de onde viera.

Correu através da escuridão até ter descoberto um portão aberto que dava acesso a um pátio.

Nas traseiras, estavam seis *daemon* a lutar com uma humana alta.

Valério ficou enfeitiçado pela macabra beleza do combate. Um dos *daemon* aproximou-se da mulher pelas costas. Ela atirou-o por cima do ombro e girou, num movimento gracioso, para o apunhalar no peito com um comprido punhal preto. O *daemon* rebentou numa nuvem de pó dourado.

Ela voltou a girar, enquanto se erguia, para enfrentar outro. Passou o punhal de uma mão para a outra e segurou-o como uma mulher habituada a defender-se dos mortos-vivos.

Dois *daemon* correram na sua direção. Ela desviou-se, fazendo a roda, mas o outro *daemon* tinha antecipado o seu movimento. Agarrou-a.

Sem entrar em pânico, a mulher aplicou todo o seu peso, erguendo as pernas à altura do peito. Isso fez com que o *daemon* caísse de joelhos. A mulher levantou-se de um salto e voltou-se para apunhalar as costas do *daemon*.

Ele evaporou-se.

Normalmente os restantes *daemon* fugiriam. Os últimos quatro não o fizeram. Em vez disso falaram uns com os outros numa língua que ele já não ouvia há muito tempo: grego antigo.

— A menina não é suficientemente tola para cair nessa, rapazes — respondeu a mulher num grego impecável.

Valério estava de tal forma chocado que não se conseguia mexer. Em mais de dois mil anos, nunca vira nem ouvira falar de nada assim. Nem as Amazonas tinham produzido melhor lutadora do que a mulher que enfrentava os *daemon*.

De súbito surgiu uma luz atrás da mulher. Brillhou forte e rodopiou. Um vento gelado, frio, varreu todo o pátio antes de outros seis *daemon* saírem da abertura.

Valério ficou rígido ao ver algo ainda mais raro do que a mulher guerreira que lutava contra os *daemon*.

**TABITHA** voltou-se lentamente para ver o grupo de novos *daemon*. Merda. Ela só vira aquilo uma outra vez.

Um *daemon* do novo grupo olhou para ela e riu.

— Pobre mulher.

— Pobre és tu — disse ela, lançando um punhal na direção do peito dele.

Ele moveu a mão e defletiu o punhal antes de este o atingir. Depois esticou o braço na direção dela. Algo invisível e doloroso rasgou-lhe o peito, atirando-a de cabeça para o ar.

Tonta e ferida, Tabitha jazia no chão.

Foi assolada por horríveis memórias da noite em que os seus amigos tinham morrido. A forma como os Spathi tinham aberto caminho através deles...

Não, não, não.

Eles estavam mortos. Kyrian matara-os a todos.

O pânico triplicou, enquanto lutava para se erguer.

Tonta, com a visão desfocada, tentou levantar-se.

...

VALÉRIO correu através do beco, em microssegundos, ao ver a mulher cair.

O mais alto dos *daemon*, que era da mesma altura que Valério, riu.

— Que simpático do Acheron ter-nos enviado um companheiro para brincar.

Valério desembainhou as duas espadas retráteis que tinha escondidas no casaco e estendeu as suas lâminas.

— Brincar é para crianças e cães. Agora que já identificaste a categoria em que te incluis, vou mostrar-te o que os romanos fazem aos cães raivosos.

Um dos *daemon* sorriu.

— Romanos? O meu pai sempre me disse que todos os romanos morrem a guinchar como porcos.

O *daemon* atacou.

Valério deu um passo para o lado e deixou cair a espada. O *daemon* retirou uma espada do nada e bloqueou o ataque com uma técnica que denunciava os muitos anos de treino.

Os *daemon* atacaram em conjunto.

Valério largou as espadas e esticou os braços, libertando os ganchos e as cordas que estavam presos aos pulsos. Os ganchos voaram na direção do *daemon* mais alto, aquele com quem estava a lutar.

Ao contrário da maior parte dos *daemon* estes não se desintegraram instantaneamente. Fitaram-no com olhos vazios antes de explodirem.

Mas, enquanto estava distraído, um outro *daemon* agarrou na sua espada e cortou-lhe as costas. Valério silvou de dor, antes de se voltar e dar uma cotovelada no rosto do *daemon*.

A mulher estava de novo de pé. Matou mais dois *daemon* enquanto ele matava o que o tinha ferido.

Valério não estava certo do que tinha acontecido aos outros e, para dizer a verdade, a violenta dor nas costas estava a dificultar-lhe os movimentos.

— Morre, ranho *daemon!* — rosnou-lhe a mulher antes de o esfaquear no peito.

Ela retirou de imediato o punhal.

Valério silvou e cambaleou para trás, enquanto a dor lhe atravessava o coração. Agarrou o peito, incapaz de pensar para lá da agonia do ferimento.

Tabitha mordeu o lábio, aterrorizada, quando viu o homem dobrar-se, sem explodir numa nuvem de pó.

— Oh, merda — sussurrou, correndo para o seu lado. — Por favor, diz-me que és um Predador da Noite marado e que não acabei de matar um contabilista ou um advogado.

O homem caiu ao chão com força.

Tabitha voltou-o de costas e verificou se ainda respirava. Os olhos dele estavam parcialmente abertos, mas não falava. Tinha o maxilar fechado com força e rosnava no fundo da garganta.

Aterrorizada, ainda não sabia ao certo quem é que tinha apunhalado por engano. Com o coração a bater veloz, levantou-lhe a camisola de gola alta e viu a ferida feia no centro do peito.

E depois viu aquilo que tanto desejara ver. . .

Ele tinha uma marca com um arco e uma flecha sobre a anca direita.

— Oh, graças a Deus — murmurou ela, enquanto era varrida por uma onda de alívio. Tratava-se, de facto, um Predador da Noite e não de um qualquer infeliz.

Agarrou no telemóvel e ligou para Acheron para lhe dizer que um dos seus homens tinha sido ferido, mas este não atendeu.

Por isso começou a marcar o número da irmã, Amanda, até o seu bom senso ter regressado. Só havia quatro Predadores da Noite na cidade. Ash, que era o líder. Janice, com quem se cruzara mais cedo. O antigo capitão pirata, Jean-Luc e. . .

Valério Magno.

Ele era o único Predador da Noite de Nova Orleães que ela ainda não conhecera pessoalmente. E era o inimigo mortal do seu cunhado.

Por isso carregou na tecla CANCEL do seu telemóvel. Kyrian mataria aquele homem num piscar de olhos, lançando sobre si a ira de Ártemis. A deusa mataria Kyrian por isso e essa era a última coisa que Tabitha queria que acontecesse. A irmã morreria se acontecesse alguma coisa ao marido.

Agora que pensava nisso, se metade do que Kyrian dissera sobre aquele homem e a sua família era verdade, ela devia deixá-lo ali e permitir que morresse.

Mas Ash nunca lhe perdoaria se ela fizesse aquilo a um dos seus homens. Além disso, não o podia deixar ali. Não assim, ele tinha-lhe salvo a vida e era uma questão de honra que devolvesse o favor.

Encolhendo-se, compreendeu que ia ter de ser ela a levá-lo para um local seguro. E ele era um bocadinho grande demais para que ela o pudesse fazer sozinha. Voltou a marcar um número no seu telemóvel e esperou pela resposta, que lhe chegou numa pronúncia cajun arrastada.

— Hei, Nick, é a Tabitha Devereaux. Estou no velho pátio junto a Royal Street com um homem ferido e preciso de ajuda. Há alguma hipótese de queres ser o meu cavaleiro de brilhante armadura esta noite e dares uma ajudinha a uma dama em apuros?

O suave riso de Nick Gautier reverberou no seu ouvido.

— Ora, *chère*, sabes que vivo para momentos como este. Vou já para aí.  
— Obrigada — disse ela, antes de lhe dar indicações mais precisas e desligar.

Também ele um nativo de Nova Orleães, Nick era seu conhecido há anos já que os dois frequentavam os mesmos restaurantes e bares. Já para não falar do facto de Nick ter levado algumas das suas namoradas para ver alguns dos fatos mais atrevidos que Tabitha vendia na sua loja de artigos para adultos, Pandora's Box.

Um malandro encantador, Nick era mais belo do que qualquer homem que já vira. Tinha cabelo castanho-escuro que tendia a cair sobre os olhos, tão azuis e sedutores que deviam ser ilegais.

E, quando se tratava do seu sorriso...

Nem ela lhe era completamente imune.

Tinha ficado chocada por descobrir, durante o casamento da irmã, há três anos, que Nick trabalhava para os mortos-vivos. Sempre houvera muitos rumores em torno do que Nick fazia para ganhar a vida. Todos os nativos que viviam no Bairro sabiam que o homem tinha montes de dinheiro, mas nenhum emprego que alguém conseguisse identificar. Quando ele apareceu como padrinho de Kyrian, ela ficara absolutamente chocada.

Mas, desde essa noite, ela e Nick tinham forjado uma estranha aliança, como companheiros de copos e cúmplices no crime, que viviam para irritar os Predadores da Noite. Era muito bom ter alguém com quem falar, que soubesse que os vampiros eram reais e que compreendesse os perigos que ela enfrentava todas as noites.

Tabitha sentou-se no chão de pedra, para esperar por Nick. Valério continuava sem se mexer. Ela inclinou a cabeça para estudar o grande Satã de Kyrian. De acordo com o cunhado, Valério e a sua família tinham sido o pior tipo de bastardos.

Tinham morto e violado tudo e todos os que se atravessavam no seu caminho, enquanto varriam o mundo antigo com as suas campanhas sangrentas. Ela teria encarado as palavras de Kyrian com alguma leveza, não fosse pelo facto de outros Predadores da Noite terem concordado.

Tanto quanto sabia, ninguém gostava de Valério.

Ninguém.

Mas enquanto ela o fitava, com a respiração fraca, não lhe parecia assim tão terrível.

*Talvez seja porque está quase morto.*

Na verdade, estava morto de todo. Mas ainda respirava. O luar lançava sombras sobre o seu rosto belo e revelava os rasgões nas roupas e o sangue sobre eles. Se ele pudesse esvair-se em sangue, ela pressionaria uma compressa contra a ferida no peito mas, como não podia, ela ficou quieta.

— Como é que morreste? — sussurrou ela. Kyrian não sabia e, em todas as suas leituras sobre a Roma e a Grécia antigas, o nome de Valério raramente era mencionado. Apesar de toda a brutalidade de que Kyrian o acusava, Valério Magno não passava de uma nota de rodapé na história.

— Hei, Tab, estás aí?

Ela suspirou de alívio ao ouvir o som da profunda pronúncia cajun de Nick. Graças a Deus por ele só viver a três quarteirões de distância e saber o que fazer numa situação complicada.

— Estou aqui.

Envergando umas calças de ganga puídas e uma camisa azul de manga curta, Nick juntou-se a ela rapidamente; depois, mal viu quem jazia no chão, praguejou.

— Estás a gozar comigo — rosnou, quando ela lhe pediu que a ajudasse a levantar Valério. — Eu nem sequer mijava para cima desse homem, se ele estivesse em chamas.

— Nick! — disse Tabitha, chocada com tamanho rancor. Por norma, Nick era o mais descontraído dos homens. — Não havia necessidade.

— Oh, sim, certo. Reparei que não chamaste o Kyrian para te ajudar. Porque terá sido, Tabitha? Porque ele vos mataria aos dois?

Ela refreou o seu mau humor, que serviria apenas para aumentar o dele caso lhe começasse a chamar a atenção para a infantilidade do seu comportamento.

— Vamos, Nick. Não sejas assim. Eu também não o quero ajudar, mas o Ash não atende o telefone e mais ninguém parece gostar dele.

— Podes crer. Todos, menos tu, têm um cérebro. Deixa-o a apodrecer na rua.

Ela levantou-se e fitou-o com as mãos nas ancas.

— Ótimo. Então explica tu ao Ash porque é que um dos seus Predadores da Noite foi morto. Lida tu com a fúria dele. Eu vou-me pôr a andar.

Nick semicerrou os olhos, fitando-a.

— És demais, Tabby. Porque é que não pediste ao Eric?

— Porque é estranho pedir a um ex, que se encontra alegremente casado com outra, favores, está bem? Por uma qualquer razão, pensei que o meu amigo *Nick* não me chateasse por causa disto, mas estou a ver que estava errada.

Ele encolheu-se exageradamente.

— Odeio mesmo este homem, Tabitha. Conheço o Kyrian há demasiado tempo e devo-lhe demasiado para ajudar o homem cujo avô o crucificou.

— E nós não somos responsáveis pelas ações dos nossos familiares, não é, Nick?

O maxilar dele tremeu.

O pai de Nick fora condenado por homicídio e falecera num motim na prisão. Era um facto bem conhecido de todos que o homem era um criminoso reincidente que passara toda a juventude de Nick a entrar e sair da cadeia por todo o tipo de crimes repugnantes. O próprio Nick ia em bom caminho para repetir o destino do pai quando Kyrian interveio e o salvou.

— Isso foi um golpe baixo, Tab, *muito* baixo.

— Mas é verdade. Agora, por favor, esquece que ele é um idiota e ajuda-me a levá-lo para casa, está bem?

Nick rosou-lhe antes de se aproximar.

— Sabes onde é que ele mora?

— Não, tu sabes?

— Algures no Garden District. — Nick sacou do telefone e marcou um número. Passado um minuto, praguejou. — Otto, atende o telefone. — Voltou a praguejar, depois desligou e olhou para ela. — Sabes que a coisa está má, quando o escudeiro do tipo não atende o telefone para lhe salvar a vida.

— Talvez o Otto esteja ocupado.

— Talvez o Otto seja psíquico.

— Nick...

Nick guardou o telefone no bolso, depois inclinou-se, atirou Valério para cima do ombro, e saiu do pátio, dirigindo-se para o Jaguar que deixara estacionado na rua. Largou Valério, sem cerimónias, no lugar do passageiro.

— Cuidado com cabeça dele, Nick! — gritou, quando Nick bateu com ela contra o carro.

— Até parece que eu o podia matar ou assim. Já agora o que é que lhe aconteceu?

— Eu apunhalei-o.

Nick piscou os olhos, depois começou a rir à gargalhada.

— Eu sabia que havia uma razão para gostar de ti. Ena, mal posso esperar por contar ao Kyrian. Vai rir até cair.

— Sim, bem, entretanto leva o Valério para minha casa e dá-me o número do Otto para que eu possa continuar a tentar falar com ele.

— E importas-te de me dizer como é que eu o vou levar para tua casa, tendo em conta que Bourbon Street está fechada ao trânsito depois de escurecer?

Ela dirigiu-lhe um olhar divertido.

Ele rosou-lhe.

— Ótimo, mas ficas-me a dever, em grande.

— Sim, sim. Põe-te a andar, Escudeiro.



Ele resmungou algo inaudível, mas que ela teve a certeza de estar longe de ser simpático, antes de contornar o carro e entrar.

Como o carro só tinha dois lugares, Tabitha seguiu a pé para o ponto de encontro, a sua loja. Enquanto se embrenhava na multidão de Bourbon Street, sentiu que algo maléfico a tocava psiquicamente.

Girando sobre os calcanhares, analisou a multidão, mas não viu nada.

Ainda assim, sentia-o no fundo de si.

— Algo terrível se aproxima... — sussurrou, numa alusão ao seu livro preferido de Ray Bradbury.

Alguma coisa dentro de si lhe dizia que se tratava de algo mais diabólico do que qualquer coisa que enfrentara antes.

*Capítulo*

## DOIS

VALÉRIO acordou, lentamente, ao som de alguém a trautear perto de si.

A trautear?

Piscou os olhos e abriu-os, esperando descobrir-se na sua cama, em sua casa. Em vez disso, estava numa enorme cama de baldaquino antiga, com um dossel de madeira ornamentado e coberto de veludo *bordeaux*.

A voz que ouvia chegava-lhe de uma cadeira de baloiço, à sua esquerda. Voltou a cabeça e ficou chocado com o que descobriu.

Era...

Bem, à primeira vista parecia uma mulher muito grande. Tinha cabelo louro, comprido, e usava uma camisola, de manga curta, e um par de calças caqui. Só que a “mulher” tinha ombros tão largos como os de Valério e uma maçã-de-adão saliente.

Estava sentada na cadeira, a virar as páginas do número de outono da revista *Vogue* com umas unhas, pintadas de um brilhante vermelho sangue, que podiam muito bem desempenhar o papel de garras. Ela ergueu os olhos e parou de trautear.

— Oh! Estás acordado! — disse, excitada, levantando-se de imediato e esvoaçando em redor da cama. Agarrou, desajeitadamente, no que parecia ser um *walkie-talkie* pousado na mesa de cabeceira e carregou num botão, assegurando-se que não partia uma unha. — Tabby, o Sr. *Sexy* está acordado.

— *Okay*, Marla, obrigada.

Valério tinha uma vaga recordação daquela voz mas, ainda que tentasse lembrar-se, não era claro o que lhe tinha acontecido.

— Onde é que estou? — perguntou.

“No Inferno” parecia a resposta mais apropriada. Mas a dor que sentia no corpo e o quarto mal iluminado com uma peculiar mistura de moderno e antigo dizia-lhe que nem o inferno podia ser assim tão mau ou foleiro.

— Não te mexas, querido — disse a mulher desconhecida, continuando a gesticular e pairar em redor da cama. — A Tabby vem já. Ela disse que não te devia deixar ir a lado nenhum. Por isso não vás.

Antes que pudesse perguntar quem era Tabby, uma outra mulher entrou de rompante no quarto.

Também ela era alta. Mas, ao contrário da primeira, era esguia, quase excessivamente magra, não fosse pelo facto de ter um corpo bem definido, como se levantasse pesos. O longo cabelo castanho-avermelhado estava puxado para trás num rabo-de-cavalo e tinha uma feia cicatriz na face esquerda.

Valério sentiu-se gelado ao constatar que se tratava da guerreira que tinha visto na noite anterior. As memórias inundaram-no. Incluindo aquela em que ela o apunhalava no peito, uma memória incitada pelo facto de agora ter um enorme cutelo na mão direita.

— Tu! — acusou, afastando-se para a extremidade mais distante da cama.

A mulher encolheu-se visivelmente antes de se voltar para a primeira e a enxotar na direção da porta.

— Obrigada, Marla, agradeço-te por teres tomado conta dele.

— Oh, sempre às ordens, querida. Dá um toque se precisares de qualquer coisa.

— Eu dou. — Empurrou a mulher grande através da porta e fechou-a com estrondo. — Olá — disse a Valério.

Ele fitou a faca na mão dela, depois baixou os olhos para a ferida que começava a sarar no seu peito.

— O que foi? Vieste acabar o trabalho?

Ela franziu o sobrolho.

— O que...? — Depois o seu próprio olhar desceu até à faca que tinha na mão. — Oh, isto! Não, a noite passada foi um completo acidente.

Tabitha pousou a faca sobre a cómoda, depois virou-se para o encarar. Tinha de admitir que Valério ficava muitíssimo bem na sua cama. O longo cabelo preto estava solto e envolvia-lhe o rosto. As suas feições eram esculpidas na perfeição, como se tivessem sido criadas por um mestre artista. E o corpo...

A sério, homem algum devia ser assim *tão* apetitoso.  
Fora por isso que passara a noite no escritório, no andar de baixo, e pedira a Marla para tomar conta dele, logo de manhã.

Adormecido, representava uma tentação maior do que desejava. Parecia relaxado e gentil.

Convidativo.

Acordado parecia perigoso.

E convidativo.

Tinha de dar crédito à deusa, Ártemis tinha um gosto excelente no que dizia respeito a homens; tanto quanto Tabitha sabia, e de acordo com as palavras de Amanda, um Predador da Noite feio era algo que não existia.

Não podia culpar a deusa por isso. Se tivesse de escolher homens para o seu exército pessoal, que mulher não escolheria os mais altos e belos?

Isso também explicava porque é que Acheron era o seu líder.

Sim, era bom ser uma deusa. Tabitha nem conseguia imaginar como devia ser maravilhoso comandar toda aquela testosterona deliciosa.

E Valério era um exemplar da melhor qualidade, ali sentado, com o braço divinamente esculpido pousado sobre o colchão, enquanto o resto do seu corpo estava praticamente exposto ao seu olhar. Parecia um animal selvagem, encolhido, pronto para atacar.

Mas estava confuso. Ela podia sentir o apelo das suas emoções. Ele também estava zangado, mas ela não sabia ao certo porquê.

— Estás seguro aqui — disse, aproximando-se da cama. — Sei o que és e assegurei-me de que todas as janelas estavam tapadas.

— Quem és tu? — perguntou, num tom desconfiado.

— Tabitha Devereaux — respondeu ela.

— És uma Escudeira?

— Não.

— Então como é que sabes...

— Sou amiga do Acheron.

A fúria dele estalou.

— Estás a mentir. — Levantou-se de repente, depois silvou, compreendendo que estava completamente nu.

Tabitha mordeu o lábio para se impedir de gemer ao ver toda aquela pele sensual assim exposta. Tinha de dar crédito aos Predadores da Noite, tinham uma constituição incrível.

Valério puxou o lençol da cama e tapou-se.

— Onde estão as minhas roupas? — perguntou, no tom de voz mais desdenhoso que ela alguma vez ouvira.

Não era de admirar que Nick e os outros não se dessem muito bem com ele. Todos os seus poros libertavam arrogância e suprema superioridade.

dade. Era óbvio que Valério era um homem habituado a dar ordens, o que fazia sentido, já que fora outrora um general romano.

Infelizmente, Tabitha não estava habituada a seguir as ordens de ninguém, muito menos de um homem.

— Aguenta os cavalos — disse, com uma gargalhada perante a má piada. — As tuas roupas estão na lavandaria. Serão entregues assim que estejam prontas.

— E no entretanto?

— Parece que estás nu.

O maxilar dele moveu-se, como se não fosse capaz de acreditar no que estava a ouvir.

— Peço desculpa?

— Podes pedir o que quiseres, vais continuar nu. — Tabitha parou devido à imagem maldosa que lhe atravessou o espírito. — Agora que penso nisso, um homem lindo, a implorar na minha cama... é disso que são feitos os sonhos. Pedir não te vai trazer as roupas, mas pode-te trazer outra coisa. — Ela agitou as sobrancelhas.

O punho dele apertou-se sobre o lençol que segurava à volta da cintura. Ela podia sentir que ele ficara ofendido mas também estranhamente divertido.

Tabitha inclinou a cabeça.

— Sabes, és romano. Podias fazer uma toga com o meu lençol.

Valério sentiu uma estranha vontade de gaguejar. Se fosse de origem humilde talvez o tivesse feito, realmente.

Aquela devia ser a mulher mais estranha alguma vez nascida.

— Como é que sabes que sou romano?

— Já te disse, conheço o Ash e os restantes habitantes da noite. — Dirigiu-lhe um olhar brincalhão. — Vamos, faz uma toga para mim. Eu tentei fazer uma na faculdade e acabou por me cair a meio da festa. Graças a Deus a minha companheira de quarto ainda estava suficientemente sóbria para a apanhar e me tapar antes que os rapazes da fraternidade me atacassem.

Atrás de si, Valério ouviu o som de um relógio de cuco. Voltou-se para ver as horas, depois franziu o sobrolho ao perceber que o “pássaro” era um *mohawk* vermelho.

Também tinha uma pala num olho.

— Não é fantástico? — perguntou Tabitha. — Comprei-o na Suíça quando lá passei um ano a estudar.

— Fascinante — disse ele, com frieza. — Agora se me deixares, irei...

— Hei, espera um instante, pá. Não sou tua empregada e tu não falas comigo nesse tom. Percebeste?

— *Saeva scaeva* — murmurou Valério num sussurro.

— *Saeve puer* — ripostou ela.

Valério ficou, literalmente, de boca aberta.

— Insultaste-me em Latim?

— Tu insultaste-me primeiro. Não que me sinta particularmente insultada por ser chamada demónio desvairado. É até algo elogioso mas, ainda assim, não sou pessoa de aguentar um insulto em silêncio.

Contra a sua vontade, Valério sentia-se insultado. Já há muito tempo que não se cruzava com uma mulher que conhecesse a sua língua materna. Claro que não gostava que lhe chamassem miúdo imbecil, mas havia algo a dizer sobre uma mulher possuidora de tamanha inteligência.

E já se passara uma eternidade desde a última vez que estivera perto de alguém que não o desdenhasse abertamente. Ela não era mordaz nas suas respostas. Pelo contrário, batia-se com ele como um campeão orador que não levava nada daquilo a peito.

Como era inusitado...

Como era assustadoramente refrescante.

De súbito, a música da *Quinta Dimensão* começou a repicar através da casa.

— O que é isto? — perguntou ele receoso. Talvez tivesse, de facto, entrado no domínio de Rod Serling.

— A campainha. Devem ter vindo entregar as tuas roupas.

— Tabby! — gritou Marla, algures no exterior do quarto. — É o Ben com as tuas tralhas.

Valério ficou rígido perante o comportamento rude.

— *Ele* grita sempre assim?

— Hei, então — disse Tabitha, séria. — A Marla é uma das minhas amigas mais queridas neste mundo e se a insultares ou continuares a tratar por “ele”, espeto-te uma estaca onde te vai doer muito mais do que no peito. — E baixou o olhar até à virilha dele, elucidativamente.

Valério arregalou os olhos perante a ameaça. Que tipo de mulher dizia uma coisa daquelas a um homem?

Antes que pudesse falar, ela saiu do quarto.

Chocado, Valério não sabia ao certo o que fazer. O que pensar. Dirigiu-se à cómoda, onde ela deixara a faca. Junto a ela encontrava-se a sua carteira, as chaves e o telefone.

Agarrou no telefone e ligou a Acheron que respondeu de imediato.

— Preciso de ajuda — disse-lhe Valério pela primeira vez em dois mil anos.

Acheron rosnou, ligeiramente.

— Ajuda com o quê? — perguntou. A voz de pesado sotaque estava entaramelada, como se Valério o tivesse acordado de um sono profundo.

— Estou na casa de uma louca que diz conhecer-te. Tens de me tirar daqui agora, Acheron. Não quero saber que seja difícil.

— É meio-dia, Valério. Devíamos estar os dois a dormir. — Acheron fez uma pausa. — De qualquer maneira onde é que estás?

Valério olhou à sua volta, para o quarto. Havia contas de carnaval penduradas sobre o toucador antigo com três espelhos. Em vez de um tapete persa, havia... um mapa gigante para carrinhos de brincar. Havia zonas do quarto que revelavam um gosto e uma educação impecáveis e partes que eram simplesmente assustadoras.

Hesitou à frente do que parecia ser um altar *voodoo*.

— Não sei — disse Valério. — Ouvei uma música horrorosa lá fora, trombetas a tocar, e estou numa casa com um relógio de cuco com um *mohawk*, um travesti e uma lunática sempre de faca na mão.

— Estás em casa da Tabitha? — perguntou Acheron.

Valério ficou petrificado com a pergunta. Acheron conhecia-a realmente?

Acheron *era* um bocado excêntrico, é certo, mas, até agora, Valério sempre partira do princípio que o Atlante tinha o bom senso suficiente para não se relacionar com humanos de classe tão baixa.

— Desculpa?

— Tem calma — disse Acheron com um bocejo. — Estás em boas mãos. A Tabby não te fará mal.

— Ela apunhalou-me!

— Raios — disse Ash. — Eu disse-lhe para não apunhalar mais nenhum Predador. Odeio quando ela faz isso.

— *Tu* odeias? Eu é que tenho a ferida pestilenta.

— A sério? — perguntou Acheron. — Nunca conheci nenhum Predador da Noite que tivesse uma ferida pestilenta. Pelo menos não do lado de fora.

Valério cerrou os dentes, perante o humor deslocado do Atlante.

— Não te acho piada, Acheron.

— Sim, eu sei. Mas vê as coisas pelo lado positivo: és o terceiro Predador da Noite que ela fere até agora. Por vezes exalta-se um bocadinho.

— Exalta-se um bocadinho? A mulher é um perigo.

— *Nah*, é boa pessoa. A menos que sejas um *daemon*... nesse caso ela é capaz de fazer sombra a Xantipa.

Valério duvidava. Até a infame megera da Grécia antiga tinha de ser mais composta do que Tabitha.

A porta abriu-se e revelou Tabitha, que entrou no quarto com as roupas dele envoltas em plástico.

— Com quem é que estás a falar? — perguntou ela.

— Diz-lhe que eu disse olá — disse Acheron, um segundo depois.

Desta feita, Valério emitiu mesmo um ruído pouco civilizado. Simplesmente não era capaz de acreditar no que estava a acontecer. Que aqueles dois se conhecessem tão bem.

Fitou Tabitha, enquanto esta pendurava as suas roupas na maçaneta do roupeiro.

— O Acheron diz olá.

Ela colocou-se à frente dele, inclinou-se para a frente e ergueu a voz para que Acheron a pudesse ouvir pelo telefone.

— Olá, borracho. Não devias estar a dormir?

— Sim, devia — disse Acheron a Valério.

— Não se chama “borracho” ao Acheron — disse Valério a Tabitha, num tom severo.

Ela resfolegou, literalmente. Como um cavalo.

— *Tu* não chamas “borracho” ao Acheron porque... bem, era doentio. Mas eu estou sempre a chamar-lhe “borracho”.

Valério ficou chocado.

Seria ela...

— Não, ela não é a minha namorada — disse Acheron do outro lado, como se conseguisse ouvir os pensamentos de Valério. — Estou a deixar isso para um outro pobre coitado.

— Tens de me ajudar, Acheron — disse Valério, apertando o lençol ainda com mais força, enquanto se afastava de Tabitha, que continuou a perseguir-lo até à outra ponta do quarto.

— Está bem, ouve. Eis uma ajuda. Estás a ver o teu excelente casaco de caxemira?

Valério não conseguia imaginar como isso o poderia ajudar mas, naquele momento, já estava disposto a tentar qualquer coisa.

— Sim?

— Guarda-o bem. A Marla é mais ou menos do teu tamanho e vai, de certeza, tentar roubar-to, se o vir. Tem este estranho fetiche com casacos, em especial se tiverem sido usados por homens. Da última vez que estive na cidade, ela acabou com o meu casaco de *motard* preferido.

Valério ficou de boca aberta.

— E porque é que te relacionas com *drag queens*, Acheron?

— Tenho muitos amigos interessantes, Valério, e alguns deles até são idiotas chapados.

Ele ficou rígido.

— Isso era-me dirigido?

— Não. Só acho que és demasiado sério para o teu próprio bem. Agora, se já acabaste de me dar nas orelhas, gostava de voltar a dormir.

Ash desligou-lhe, de facto, o telefone.



Valério permaneceu imóvel, com o telefone na mão. Sentia-se como se alguém tivesse acabado de cortar a corda que o prendia ao colete de salvação, deixando-o à deriva em águas infestadas de tubarões.

O próprio tubarão do filme *Jaws* estava presente, à espera para o devorar. *Que Júpiter o ajudasse.*

Tabitha apanhou a almofada do chão e voltou a pousá-la em cima da cama. Fez uma pausa quando viu o traseiro de Valério. Caramba, ele tinha o melhor traseiro que ela vira num homem. Alguém devia colocar-lhe um selo de Categoria A+. Teve de fazer uso de toda a sua força de vontade para não se aproximar dele e lhe meter a mão, mas a sua pose, rígida e frígida, manteve-a à distância.

Isso e a multiplicidade de cicatrizes que lhe marcavam as costas. Parecia que alguém o espancara repetidamente.

Mas quem se teria atrevido a fazer tal coisa?

— Estás bem? — perguntou ela, enquanto ele se dirigia à cómoda e pousava o telemóvel.

Ele passou a mão pelo cabelo comprido e suspirou.

— Quantas horas até ao pôr-do-sol?

— Um pouco mais de cinco. — Ela sentiu que ele ainda estava zangado e confuso. — Queres voltar para a cama e dormir?

Ele dirigiu-lhe um olhar severo e ameaçador.

— Quero ir para casa.

— Sim, bem, eu ter-te-ia levado para casa se o Otto tivesse atendido o telefone a noite passada.

— Dei ao Guido um descanso por mau comportamento — disse Valério, num sussurro. O rosto subitamente pálido.

Tabitha sentiu temor, seguido por uma dor aguda, tão profunda que a fez tremer.

— O que se passa? — perguntou ela.

— Preciso de ir imediatamente para casa.

— Bem, a menos que tenhas uma relação especial com Apolo que queiras partilhar comigo, isso é quase tão provável como eu ganhar a lotaria, o que seria muito provável se o Ash partilhasse comigo o raio dos números. Canalha cruel. Não partilha nada.

Sentiu que uma onda de desespero consumia Valério. Instintivamente, aproximou-se dele e tocou-lhe, ao de leve, no braço.

— Está tudo bem, a sério. Levo-te para casa, assim que o Sol se puser.

Valério olhou para a mão dela, no seu bíceps. Há séculos que nenhuma mulher pousava uma mão nua sobre ele daquela forma. Não era sexual. Era calmante. A mão de alguém que lhe oferecia conforto.

Ele ergueu o seu olhar para o dela. Tinha olhos azuis penetrantes.

Eram vivos e inteligentes. Acima de tudo, eram gentis e a gentileza era algo a que Valério não estava habituado.

A maior parte das pessoas olhava para ele e, de imediato, mostrava o seu forte desagrado. Enquanto humano atribuíra-o ao seu estatuto régio e à merecida reputação de brutalidade da sua família.

Enquanto Predador da Noite, advinha do facto de ser romano e, como Roma e a Grécia tinham passado séculos em guerra uma com a outra até Roma ter, por fim, derrubado a Grécia, era de esperar que os gregos o odiassem. Infelizmente, os gregos e as amazonas eram um grupo ruidoso, que depressa voltou os outros Predadores da Noite e os Escudeiros contra os seus irmãos de origem romana.

Ao longo dos séculos, Valério convencera-se de que não precisava de irmãos de armas e até começara a retirar um certo prazer mórbido de os recordar do seu régio estatuto romano.

Desde o primeiro ano do seu renascimento, aprendera a atacar antes de ser atacado.

Acabara, finalmente, por abraçar a rígida formalidade e o sentido de propriedade que o pai lhe inculcara pela força, em pequeno.

Mas essa formalidade escapava-lhe perante a doçura do toque calmanete daquela mulher.

Tabitha engoliu em seco, ao sentir algo entre eles. O seu olhar escuro e intenso atravessou-a e, pela primeira vez, não era um olhar de censura ou crítica. Era quase terno e ternura não era algo que esperasse de um homem com a reputação de Valério.

Ele pousou os dedos na cicatriz no seu rosto. Ela não viu no rosto dele o trejeito que a maior parte dos homens fazia quando a via. Em vez disso, ele seguiu suavemente a linha.

— O que aconteceu? — perguntou.

Quase disse “um acidente de carro”. Contava essa mentira há tanto tempo, que agora era quase automático. Para ser sincera, era muito mais fácil contar a mentira do que viver com a verdade.

Ela sabia o quão odioso era o seu rosto. A família não fazia ideia de quantas vezes ela os ouvira tecer comentários sobre a cicatriz. Quantas vezes Kyrian dissera a Amanda que pagaria de bom grado para que ela se submetesse a uma cirurgia plástica.

Mas Tabitha tinha pavor de hospitais desde que a tia morrera de uma simples extração das amígdalas que corra mal. Jamais escolheria fazer qualquer coisa só porque já não era bonita. Se o resto do mundo não podia lidar com ela, o problema era dele, não dela.

— Um *daemon* — disse ela baixinho. — Disse que me queria dar uma recordação especial para que eu me recordasse sempre dele.

O maxilar dele foi agitado por um tremor ao escutar as suas palavras, e ela sentiu a raiva dele pelo que lhe tinham feito.

— Tenho de lhe dar razão — disse ela, para lá do alto que lhe apertava a garganta. — Ele tinha razão. Penso nele de cada vez que olho para o espelho.

A mão de Valério desceu até à cicatriz no pescoço dela, onde um dos *daemon* lhe dera uma dentada. Se não fosse Kyrian ter ido em seu auxílio, ela teria quase decerto morrido nessa noite.

— Lamento — sussurrou ele.

Tratavam-se de palavras que ela tinha a certeza nunca antes terem passado pelos lábios daquele homem.

— Não faz mal. Todos temos cicatrizes. Tenho a sorte de a maior parte das minhas estarem do lado de fora.

Valério ficou espantado com a sua sabedoria. Ele nunca esperara tamanha profundidade de pensamento de uma mulher como ela. Ela apertou-lhe ao de leve a mão antes de a afastar do seu pescoço e recuar.

— Tens fome?

— Estou faminto — respondeu ele, com honestidade. Como a maior parte dos Predadores da Noite, comia, por norma, três refeições por noite. Uma logo depois de acordar, ao pôr-do-sol, outra por volta das dez ou onze da noite, e a terceira por volta das três ou quatro da manhã. Como tinha sido ferido bastante cedo, só comera uma refeição na noite anterior.

— Muito bem, tenho uma cozinha bastante cheia. O que é que queres?

— Algo italiano.

Ela acenou.

— Parece-me bem. Veste-te e encontramo-nos lá em baixo. A cozinha é a porta do lado esquerdo. Não abras a do lado direito, com o sinal de Perigo. Essa dá acesso à minha loja e aí não há nada a não ser luz do dia.

Tabitha começou a puxar a porta, para a fechar atrás de si, depois parou.

— Já agora, talvez queiras guardar o teu casaco no meu armário até saíres. A Marla...

— O Acheron já me avisou.

— Ah, ainda bem. Vemo-nos daqui a pouco.

Valério esperou até ela ter saído antes de se vestir. Enquanto pendurava o casaco no armário, ficou espantado com o facto de ela ter tanta roupa preta como ele. A única cor no seu armário consistia num vestido de cetim cor-de-rosa forte que sobressaía rudemente naquele mar de escuridão. Isso e uma minissaia vermelha plissada.

Foi precisamente a minissaia que lhe prendeu a atenção, enquanto

uma imagem indesejada de Tabitha com ela vestida o atravessou e ele se perguntou se ela teria boas pernas.

Sempre apreciara um par de pernas femininas esbeltas e suaves. Especialmente a envolvê-lo.

Sentiu o corpo ficar de imediato duro com tal pensamento. Valério sorriu sentindo-se, subitamente, como um tarado a mexer no roupeiro dela e a sonhar acordado.

Fechou rapidamente a porta do armário e saiu do quarto. O corredor estava pintado de um tom de amarelo que era algo desagradável para os seus olhos sensíveis de Predador da Noite. Do outro lado do corredor havia outro quarto, cuja porta estava aberta, revelando um quarto arrumado e decorado com gosto. Sobre a cama antiga, viu um vestido de lantejoulas prateado e, ao seu lado, uma elaborada peruca morena sobre uma cabeça de espuma.

— Oh, olá, fofo — disse Marla, saindo do que devia ser uma casa de banho. Tinha um turbante a envolver a cabeça, aparentemente careca, e um roupão de banho cor-de-rosa. — A Tabby está lá em baixo.

— Obrigado — disse ele, inclinando a cabeça.

— Oooh, bons modos. Que boa mudança para a Tabby. A maior parte dos homens que ela arrasta para casa não passam de rufias ordinários. Exceto aquele Ash Parthenopaeus que é extraordinariamente bem-educado. Mas também é estranho. Alguma vez o viste?

— Já travei conhecimento com ele, sim.

Ela tremeu, de forma visível.

— Oooh, gosto da forma como dizes “travei conhecimento”, doce. É um sotaque e tanto, o teu. Agora é melhor ires andando antes que eu te tome ainda mais tempo. Deus sabe que sou capaz de falar até te caírem as orelhas, se me deixares.

Sorrindo dos seus gestos exagerados, enquanto o enxotava para longe, Valério despediu-se dela, depois fechou-lhe a porta. Havia algo estranhamente encantador em Marla.

Desceu a belíssima escadaria em madeira de cerejeira que dava acesso a um pequeno patamar. Franziu o sobrolho ao aviso de Perigo que se encontrava precisamente onde Tabitha lhe dissera. Voltou para a esquerda onde um par de portas envidraçadas, a precisar de algum arranjo, dava acesso a uma pequena sala de jantar. No seu interior encontrava-se uma mesa de madeira, branca e castanha, e cadeiras com as costas forradas a cabedal que já tinham visto melhores dias.

As paredes estavam pintadas de um branco forte e nelas estavam pendurados *posters* a preto e branco de marcos Europeus, como a Torre Eiffel, Stonehenge e o Coliseu. Os estores de ripas que cobriam as janelas

tinham sido fechados para bloquear a luz do dia. E, contra a parede, estava um aparador preto. O tampo estava repleto de fotografias e pratos de coleção, incluindo uns do Elvis e da Elvira. Em cada uma das pontas encontravam-se um de dois candelabros de prata, antigos.

Mas o que mais o impressionou foi uma fotografia de 20 x 25 no centro do aparador do que parecia ser Tabitha num vestido de noiva, ao lado de um homem cujo rosto estava tapado por uma foto recortada da cabeça do Russell Crowe.

Ele estendeu o braço para retirar a foto.

— Aí estás tu — disse Tabitha, atrás dele.

Valério endireitou-se de imediato.

— És casada? — perguntou.

Ela franziu o sobrolho até ter visto a fotografia.

— Oh, Deus do céu, não. Essa é a minha irmã Amanda, no casamento dela. A bebé na fotografia ao lado dessa é a filha dela, Marissa.

Valério estudou a fotografia de casamento. Na verdade não havia qualquer diferença entre as duas mulheres com exceção da cicatriz.

— Tens uma irmã gémea?

— Sim.

— E porque é que a tua irmã é casada com o Russell Crowe?

Tabitha riu.

— Ah, é uma piada ao meu cunhado, o pateta arrogante e prosélito.

Ele fitou-a de sobranceiras arqueadas.

— Suponho que não gostes do homem.

— Na verdade, adoro-o de morte. Ele é muito bom para a minha irmã e para a minha sobrinha e um verdadeiro querido à sua maneira. Mas, tal como tu, leva-se demasiado a sério. Vocês precisam de se relaxar e divertir um pouco mais. A vida é demasiado curta... bem, talvez não para ti, mas para o resto dos mortais é.

Valério sentia-se fascinado por aquela mulher em relação à qual deveria sentir repulsa. Era foleira e grosseira e, no entanto, era divertida e encantadora de uma forma deveras inesperada.

Pousou sobre a mesa uma pequena lata vermelha, de onde saía uma colher de plástico, com o que parecia ser uma espécie de massa de cotovelos e *marinara*.

Valério franziu o sobrolho.

— O que é isso?

— *Ravioli*.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— *Isso não é ravioli*.

Ela olhou para a lata.

— Sim, está bem. É Beefaroni. A minha sobrinha chama a tudo o que vem nestas pequenas latas de micro-ondas *ravioli*. — Puxou-lhe uma cadeira. — Come.

Valério estava chocado com o que ela lhe oferecia.

— Peço desculpa? Não estás realmente à espera que eu coma isso, pois não?

— Bem, sim. Disseste que querias italiano. É italiano. — Pegou na lata e apontou para o rótulo. — Vês? Chef Boyardee. Faz as melhores cenas.

Valério nunca se sentira tão horrorizado na vida. Decerto ela estava a brincar.

— Eu não como de copos de papel com talheres de plástico.

— Bem, azar, Sr. Finório. Desculpe se o ofendi, mas aqui, no Planeta Terra, os restantes plebeus tendem a comer o que têm à mão e, quando alguém nos dá qualquer coisa, não o questionamos.

Tabitha cruzou os braços sobre o peito, ao mesmo tempo que ele ficava rígido como uma vara. Se o olhar matasse, a sua pobre lata de Beefaroni estaria feita em pedaços.

— Retirar-me-ei até ao cair da noite. — Valério dirigiu-lhe um aceno de cabeça imperial, antes de se dirigir de novo para as escadas.

Tabitha ficou de boca aberta, quando ele a deixou. Ele ficara, realmente, ofendido e, bem lá no fundo, magoado. A última parte não fazia qualquer sentido, ela é que se devia sentir insultada. Pegando no Beefaroni, suspirou, comeu uma colherada e regressou com ele para a cozinha.

**VALÉRIO** fechou cuidadosamente a porta do quarto, quando tudo o que queria era bater com ela. Mas os membros da nobreza não andam pela casa a bater portas. Isso era para os plebeus.

Os membros da nobreza mantinham as suas emoções cuidadosamente controladas. Para além disso, não ficavam magoados pela opinião de mulheres grosseiras, sem qualquer refinamento, que os insultassem.

Fora tolo em pensar, por um momento sequer, que ela...

— Não preciso que ninguém goste de mim — murmurou num sussurro. Tinha vivido toda a sua vida sem que ninguém se preocupasse minimamente consigo. Porque é que isso haveria de mudar agora?

E, no entanto, não conseguia esmagar aquela minúscula parte de si que ansiava por alguém que lhe dirigisse uma pequena gentileza. Um simples: “Diz ao Valério que eu disse olá”.

Só por *uma* vez na sua vida.

— Estás a ser tolo — rosou a si mesmo.

*É melhor ser temido do que ser amado.* As palavras do pai ressoa-

ram-lhe nos ouvidos. *As pessoas vão sempre trair alguém de quem gostem, mas nunca alguém que temam realmente.*

Era verdade. O medo mantinha as pessoas na linha. Ele, mais do que qualquer outra pessoa, sabia-o.

Se os seus irmãos o tivessem temido...

Valério tremeu perante a recordação e foi-se sentar na cadeira desdobrável no canto do quarto.

Estava junto a uma estante onde se encontrava uma vasta gama de romances. Franziu o sobrolho, enquanto percorria os títulos que iam de *Os Últimos Dias de Pompeia* e *The Life and Times of Alexander the Great* aos romances da série Dresden de Jim Butcher.

Que mulher peculiar era aquela Tabitha.

Enquanto Valério levava a mão a um livro sobre Roma antiga, o seu olhar pousou no caixote do lixo ao lado da cadeira. Era grande, como os que a maior parte das pessoas têm na cozinha, mas o que lhe chamou a atenção foi a mancha preta que espreitava da tampa fechada. Abrindo-o, descobriu no seu interior a camisa e o casaco.

Ficou de sobrolho ainda mais franzido quando os puxou para fora. Ainda estavam cobertos de sangue e rasgados. Passou o dedo pelo corte nas costas de ambos, onde o *daemon* o cortara com uma espada.

Mas ele estava a usar a sua...

Valério ergueu-se e retirou a camisa de gola alta de seda. Era Ralph Laruren, idêntica à que tinha usado na noite anterior. Só havia uma explicação.

Tabitha tinha-lhe comprado roupas novas.

Dirigiu-se ao armário e examinou o casaco. Só então se apercebeu que os botões eram de um acobreado ligeiramente diferente. Para além disso, eram uma cópia exata.

Não podia acreditar. Só o casaco custava mil e quinhentos dólares. Porque haveria ela de fazer tal coisa?

Desejando uma resposta, voltou a descer as escadas e encontrou-a sozinha, na cozinha, junto ao fogão.

Valério hesitou junto à porta. Estava de lado para ele, com um perfil absolutamente sereno. Era realmente uma mulher bela.

As calças de ganga preta, ruçada, abraçavam as pernas longas e o traseiro muitíssimo atraente. Usava uma camisola preta de manga curta, abotoada até cima, mas curta em baixo, que deixava exposta uma boa parte da pele bronzeada, entre as calças de cintura descaída e o umbigo, onde, se ele não se enganava, tinha um *piercing*.

O comprido cabelo castanho-avermelhado estava puxado para trás e ela parecia estranhamente tranquila, junto ao fogão, com os pés descalços; um anel de prata num dedo do pé direito. O rádio estava ligado e, naquele

momento, tocava “Salt in My Tears” de Martin Briley. As ancas de Tabitha moviam-se ao som da música, num ritmo erótico que era bem mais sedutor do que ele queria admitir.

De facto, teve de usar toda a sua força de vontade para não se aproximar dela, de forma a poder mergulhar a cabeça e provar aquela pele succulenta que chamava por ele.

Era uma mulher quente que, decerto, o montaria bem.

Deu um passo em frente e ela saltou, tendo depois estendido um pé. Valério praguejou quando o dito pé entrou em contacto com a sua virilha e dobrou-se para a frente com a dor.

— Oh, meu Deus! — arquejou Tabitha ao compreender que acabara de agredir o seu convidado. — Desculpa! Estás bem?

Ele dirigiu-lhe um olhar ameaçador.

— Não — rosnou, coxeando para longe dela.

Tabitha ajudou-o a chegar até a uma cadeira com degrau que tinha na pequena cozinha.

— Peço, muitas, muitas desculpas — repetiu, enquanto ele se sentava e pressionava a mão contra si mesmo. — Devia ter-te avisado para não te aproximares sorrateiro pelas costas.

— Eu não estava a ser sorrateiro — disse ele, com os dentes cerrados. — Estava a andar.

— Espera, deixa-me ir buscar gelo.

— Não preciso de gelo. Só preciso de um segundo para respirar, sem falar.

Ela ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Demora o tempo que quiseres.

Depois de ter assumido diversos tons de pele interessantes, ele recuperou.

— Graças a Júpiter, não tinhas outra faca na mão — murmurou, depois disse mais alto. — Agrides ao pontapé todos os homens que entram em tua casa?

— Oh, Deus, outro não! — disse Marla ao entrar na cozinha. — Tabby, juro que é de espantar que ainda tenhas vida pessoal, da maneira como tratas os homens.

— Oh, cala-te, Marla. Não fiz de propósito... desta vez.

Marla revirou os olhos e tirou duas Coca Colas Light do frigorífico. Entregou uma a Valério.

— Segura isso contra a ferida, querido. Vai ajudar. Agradece apenas pelo facto de não seres o Phil. Ouvi dizer que tiveram de realizar uma operação para lhe recuperar os testículos, depois de Tabby o ter apanhado a enganá-la. — Depois abriu a lata e voltou para o piso de cima.



— Ele mereceu — gritou Tabitha a Marla. — Teve sorte por eu não lhos ter cortado.

Valério não queria, de facto, continuar com aquela conversa. Levantou-se e pousou a Cola no balcão.

— Porque é que estás a cozinhar?

Tabitha encolheu os ombros.

— Disseste que não querias nada vindo de uma lata, por isso estou a fazer-te *pasta*.

— Mas tu disseste...

— Eu digo muitas coisas que não sinto.

Ele observou-a enquanto ela apagava o fogão e levava o tacho a ferver até ao lava-loiça. Ouviu-se uma campainha.

— Tratas-me disso?

— Trato do quê? — perguntou ele

— Do micro-ondas.

Valério olhou em redor da cozinha. Em toda a sua vida, raramente vira uma cozinha e sabia muito pouco sobre os eletrodomésticos onde se cozinhava. Tinha criados para essas coisas.

A campainha voltou a tocar.

Presumindo que se tratava do micro-ondas, aproximou-se e abriu a porta. No interior estava uma tigela de *marinara*. Pegou na pega em forma de peixe pousada à frente do micro-ondas e tirou a tigela para fora.

— Onde queres que ponha isto?

— No fogão, por favor.

Ele fez o que ela lhe dizia.

Tabitha trouxe uma pequena tigela para o local onde ele se encontrava, depois cobriu a massa com o molho.

— Melhor? — perguntou ela, entregando-lha.

Valério acenou, até o seu olhar pousar sobre a massa. Piscou os olhos, incrédulo, quando se apercebeu qual era a forma da pasta.

Não. Decerto estava a ver coisas.

Aquilo era um...?

Sentiu que o queixo ficava mole, ao compreender que era realmente aquilo que parecia. No molho *marinara* vermelho nadavam pequenos pé-nis de massa.

— Oh, vamos — disse Tabitha num tom de voz irritado. — Não me digas que um general romano está a ter problemas com a *penironi*.

— Sinceramente, não estás à espera que eu coma isto? — perguntou ele, chocado.

Ela bufou.

— Não te atrevas a dirigir-me essa atitude superior, pá. Por acaso sei

exatamente como é que vocês romanos viviam. Como é que decoravam as vossas casas. Vens da terra dos falos, por isso não fiques tão chocado por eu te ter dado uma tigela deles para comer. Não tenho nenhum espanta-espíritos de falos pendurado em casa para afastar o mal ou assim, mas aposto que tu tinhas quando eras humano.

Era verdade, mas já se tinha passado séculos desde que... pensando nisso, ele nunca vira nada *assim*.

Ela entregou-lhe um garfo.

— Não é de prata, mas é de aço inoxidável. Tenho a certeza que consegues aguentá-lo.

Ele ainda estava espantado com a massa.

— Onde é que arranjaste isto?

— Vendo-a, bem como *mamaroni* na minha loja.

— *Mamaroni*?

— Acho que chegas lá sozinho.

Valério não sabia o que dizer. Nunca antes comera alimentos obscenos, e que tipo de loja teria ela, para vender aquele tipo de coisas?

— Casa de Vetti — disse Tabitha, de mãos na cintura. — Preciso de dizer mais alguma coisa?

Valério era bem versado na casa romana de que ela estava a falar, bem como nos seus murais escabrosos. Era verdade, o seu povo encarara a sexualidade de forma bastante aberta, mas ele nunca esperara ver-se confrontado com ela, na idade moderna.

— *Non sana est puella* — disse Valério, num sussurro, o que era Latim para *Esta rapariga é louca*.

— *Quin tu istanc orationem hinc veterem antque antiquam amoves, vervex?* — ripostou Tabitha.

*Paras de usar essa língua obsoleta, cabeça de ovelha?*

Nunca antes Valério se sentira insultado e divertido ao mesmo tempo.

— Porque é que falas um latim tão perfeito?

Ela tirou uma torrada do forno.

— Tenho um mestrado em Civilizações Antigas. A minhas irmã, a Selena, tem um doutoramento. Achávamos divertido insultarmo-nos uma à outra em latim, quando estávamos na faculdade.

— Selena Laurens? A lunática com a banca de Tarot na Praça?

Ela dirigiu-lhe um olhar feroz.

— Por acaso, essa louca é a minha querida irmã mais velha e se a voltares a insultar deixo-te a coxear... mais.

Valério calou-se, enquanto se dirigia para a mesa na sala de jantar. Já se cruzara com Selena por diversas vezes durante os últimos três anos e nenhum desses encontros correria bem. Quando Acheron lhe falara dela,

Valério sentira-se maravilhado com a possibilidade de poder falar com alguém que conhecesse a sua cultura e a sua língua.

Mas, assim que Acheron os apresentou, Selena atirara a sua bebida à cara de Valério. Dirigira-lhe todos os insultos conhecidos da humanidade e ainda acrescentara alguns novos.

Ele não sabia porque é que Selena o odiava tanto. Tudo o que ela lhe disse foi que era uma pena que ele não tivesse morrido espezinhado por uma debandada bárbara, feito em pedaços.

E esse fora um dos desejos mais simpáticos para a sua morte.

Decerto lhe agradaria saber que a sua morte tinha sido bem mais humilhante e dolorosa do que qualquer um dos seus desejos.

Sempre que se aventurava na praça, nas suas patrulhas por *daemon*, ela lançava pragas, bem como qualquer outra coisa que tivesse à mão, na sua direção.

Sem dúvida ficaria felicíssima por descobrir que a irmã o tinha apunhalado. A sua mágoa seria pelo facto de ele ainda estar vivo e não morto numa qualquer valeta.

Tabitha parou junto à porta e observou Valério que comia a *pasta* em silêncio. Mantinha-se direito e rígido e os seus modos eram impecáveis. Parecia calmo e composto.

Mas também parecia incrivelmente desconfortável na sua casa. Já para não dizer deslocado.

— Toma — disse ela, avançando para lhe entregar um pão.

— Obrigado — disse ele, aceitando-o. Franziu o sobrolho como se procurasse um prato para o pão. Por fim, pousou-o sobre a mesa e regressou à *pasta* original.

Um silêncio desconfortável abateu-se entre eles. Ela não sabia o que lhe dizer. Era estranho ter aquele homem na sua presença quando ouvira tantas coisas sobre ele.

Nenhuma delas boa.

O cunhado e o seu melhor amigo, Julian, tinham passado horas, nas festas da família, a queixarem-se de Valério e da sua família, bem como do facto de Ártemis ter transferido Valério para Nova Orleães por puro despeito, porque não queria libertar Kyrian. Talvez isso fosse verdade. Ou talvez a deusa só quisesse que Kyrian enfrentasse o seu destino e lhe pusesse, finalmente, um ponto final.

De qualquer forma, a pessoa que parecia mais castigada pela decisão de Ártemis era Valério, constantemente recordado do ódio de Kyrian e Julian.

Era curioso que ele não lhe parecesse assim tão mau.

Era arrogante e formal, é certo, mas...

Havia algo mais nele. Ela podia senti-lo.

Foi à cozinha buscar qualquer coisa para beber. O seu primeiro pensamento fora levar-lhe um copo de água, mas já tinha sido mazinha ao dar-lhe o *penironi*. Tinha sido um impulso infantil e agora sentia-se muitíssimo culpada.

Por isso decidiu abrir o armário dos vinhos e dar-lhe algo que ele apreciaria, sem dúvida.

**VALÉRIO** ergueu os olhos, quando Tabitha lhe entregou um copo de vinho tinto. Quase esperava que fosse um Ripple, rude e barato, e ficou agradavelmente surpreendido com a textura rica e encorpada.

— Obrigado — disse ele.

— Não tens de quê.

Quando ela se começava a afastar, ele agarrou-lhe na mão e fê-la parar.

— Porque é que me compraste roupas novas?

— Como é que...

— Descobri as minhas no caixote do lixo.

Ela tremeu, como se a incomodasse o facto de ele ter percebido o que ela tinha feito.

— Devia ter despejado o lixo. Raios.

— Porque é que não querias que eu soubesse?

— Achei que podias não as aceitar. Era o mínimo que eu podia fazer, tendo em conta que sou parte do motivo por que se estragaram.

Ele dirigiu-lhe um sorriso que lhe aqueceu o coração.

— Obrigado, Tabitha.

Era a primeira vez que ele dizia o seu nome. O sotaque rico e profundo lançou-lhe um arrepio pelo corpo.

Antes que o conseguisse evitar, Tabitha levou a mão ao rosto dele. Quase esperava que ele se afastasse.

Ele não o fez. Limitou-se a fitá-la com os seus curiosos olhos negros.

Ela estava espantada pela beleza dele. Pela sua dor interior, que fazia com que o seu próprio coração doesse por ele. E, antes que pudesse pensar melhor, baixou a cabeça de forma a tomar os lábios dele nos seus.

Valério não estava de todo preparado para a sua ação. Nunca uma mulher iniciara um beijo com ele. Nunca. Tabitha era arrojada na sua exploração, exigente, e o prazer crepitou através do seu corpo como lava.

Tomando o rosto dela nas mãos, ele respondeu ao beijo.

Tabitha gemeu com o gosto delicioso do general. A língua tocou-lhe nas presas, fazendo-a arrepiar-se. Ele era letal e mortal.

Proibido.

E, para uma mulher que se orgulhava em não seguir as regras de ninguém a não ser as suas, isso tornava-o ainda mais desejável.

Ela passou uma perna para cada lado da cadeira e sentou-se ao seu colo.

Ele não protestou. Em vez disso, afastou as mãos do seu rosto e percorreu com elas as suas costas, enquanto Tabitha puxava a fita que lhe prendia o cabelo e soltava as madeixas espessas e negras que deslizavam como seda entre os seus dedos.

Tabitha sentia a ereção dele contra o centro do seu corpo, incendiando ainda mais o seu desejo.

Tinha passado tanto tempo desde a última vez que estivera com um homem. Tanto tempo desde que sentira um desejo tão forte de envolver um com o seu corpo. Mas ela desejava Valério, e muito, ainda que ele devesse estar absolutamente fora do menu.

Valério sentia a cabeça a girar, enquanto Tabitha percorria com os lábios o seu maxilar, descendo depois, por baixo do queixo, até ao pescoço. O seu bafo quente deixava-o a arder. Já se tinham passado séculos desde que tomara uma mulher que sabia o que ele era.

Uma mulher que não tivesse de beijar com cuidado, por medo que ela descobrisse as suas presas.

Nem por uma vez estivera com uma mulher assim tão excitante. Uma que agisse de forma tão aberta. Tão selvagem. Aquela mulher não tinha medo nenhum. Nada a segurava.

Era feroz, apaixonada e completamente feminina.

Tabitha sabia que não devia estar a fazer aquilo. Não era permitido aos Predadores da Noite envolverem-se com mulheres. Não lhes eram permitidos quaisquer laços emocionais, exceto, talvez, um Escudeiro.

Ela só podia dormir uma vez com Valério e, depois, teria de o deixar partir.

Mas, mais do que isso, toda a sua família odiava aquele homem e ela também devia sentir o mesmo. Devia sentir repulsa. Mas não sentia. Havia nele algo de irresistível.

Contra toda a sanidade e razão, ela desejava-o.

*Só estás excitada, Tabby, larga-o.*

Talvez fosse assim tão simples. Tinham passado quase três anos desde que terminara a sua relação com Eric e, durante esse tempo, não estivera com mais ninguém. Ninguém suscitara nela mais do que uma curiosidade passageira.

Bem, exceto o Ash, mas ela sabia que não devia fazer nada.

E mesmo ele não a fazia crepitar assim. Por outro lado, ele não tinha dentro de si a mesma dor que Valério transportava... ou, se tinha, era melhor a escondê-la quando estava perto dela.

Sentia como se Valério precisasse dela.

Precisamente quando levava a mão ao fecho das calças dele, o telefone tocou.

Tabitha ignorou-o até Marla ter usado o *walkie-talkie* para dizer:

— É a Amanda, Tabby. Ela diz para atenderes o telefone. Agora.

Ela rosnou de frustração. Deu um beijo escaldante e rápido a Valério antes de se levantar.

— Por favor, não digas uma palavra enquanto eu estiver ao telefone — avisou.

Desde que Amanda casara com Kyrian, tornara-se incrivelmente psíquica e, se ouvisse a voz de Valério, saberia de imediato quem ele era. Tabitha tinha a certeza. Era a última coisa com que queria lidar naquele momento.

Atendeu o telefone na parede da cozinha.

— Hei, Mandy, qu' é que precisas?

Tabitha voltou-se para observar Valério que se recompunha. Puxou para trás o cabelo preto e repôs a pequena fita preta que ela tirara.

Voltou ao seu ser régio e rígido, enquanto pegava no garfo e recomeçava a comer.

A irmã estava a falar sobre um sonho mau mas só quando o termo “*Spathi daemon*” surgiu no meio do monólogo é que Tabitha afastou a atenção de Valério.

— Desculpa, o quê? — perguntou a Amanda.

— Eu disse que tive um sonho mau contigo, Tabby, que tinhas sido seriamente ferida numa luta. Eu só queria ter a certeza de que estás bem.

— Sim, estou ótima.

— Tens a certeza? Pareces um bocado estranha.

— Interrompeste-me no trabalho.

— Oh — disse Amanda, aceitando a mentira, o que fez com que Tabitha se sentisse um pouco culpada. Não estava habituada a esconder nada da sua irmã gémea — Está bem. Nesse caso, não te vou incomodar mais. Mas tem cuidado, por mim. Tenho um pressentimento mesmo mau que não quer passar.

Tabitha também o sentia. Era algo indefinível e, ao mesmo tempo, persistente.

— Não te preocupes. O Ash está na cidade e mudou-se para cá um novo Predador da Noite. Está tudo bem.

— *Okay*. Vou confiar em ti para teres cuidado... Mas, Tabby?

— Sim?

— Para de me mentir. Não gosto.

*Capítulo*

## TRÊS

TABITHA desligou o telefone, sentindo-se um pouco estranha em relação à sua conversa. E sentia-se ainda mais estranha em relação às predições de Amanda sobre a sua saúde. Era algo que a preocupava muito, em especial quando combinado com o seu próprio sentimento de inquietude.

Quase morrera por duas vezes, três anos antes, quando Desiderius tentara matar Amanda e Kyrian. Desde então, *daemon* algum a vencera. Acima de tudo porque aprimorara as suas capacidades e se tornara muito mais observadora.

Mas os da noite anterior. . .

Tinham sido difíceis de matar e um grupo deles tinha conseguido escapar. Decerto não iam regressar. A maior parte dos *daemon* abandonavam rapidamente a zona, depois de darem de caras com ela ou com os Predadores da Noite. A coragem não era exatamente um dos seus traços distintivos: como eram jovens e a ideia era continuarem vivos, muito poucos *daemon* queriam dar de caras com o exército de Ártemis, constituído por guerreiros com centenas, senão milhares, de anos de experiência de combate.

Só Desiderius — que era um meio-deus — tinha possuído a força e a estupidez para lutar com os Predadores da Noite.

Não, os *daemon* da noite anterior tinham partido e ela ia ficar bem. Amanda devia ter comido galinha estragada ou algo assim.

Regressou a Valério, que estava a acabar a sua refeição.

— Quais são os teus poderes? — perguntou ela.

Ele pareceu um pouco surpreendido pela pergunta.

— Desculpa?

— Os teus poderes de Predador da Noite. Incluem premonições ou precognição?

— Não — disse ele, antes de beber um golo de vinho. — Tal como a maior parte dos Predadores da Noite romanos, fui algo, e por favor desculpa-me a rudeza, “lixado” nesse departamento.

Tabitha franziu o sobrolho.

— Como assim?

Ele inspirou fundo antes de responder.

— Ártemis não gostava do facto de, em Roma, não ser uma deusa importante. Na verdade era reverenciada, sobretudo, pelas classes mais baixas, pelos escravos e pelas mulheres. Por isso transpunha para nós essa raiva quando nos criava. Sou mais forte e rápido do que um humano, mas não tenho nenhum dos elevados poderes psíquicos dos restantes Predadores da Noite.

— Então como é que fazes para lutar contra os *daemon*?

Ele encolheu os ombros.

— O mesmo que tu. Luto melhor do que eles.

Sim, talvez, mas ela saíra muitas vezes ensanguentada das suas batalhas. Perguntou-se com que frequência lhe acontecia o mesmo. Era difícil lutar contra um *daemon*, sendo humano.

— Isso não está certo — disse Tabitha, zangada por Ártemis ter criado tamanha disparidade entre os Predadores da Noite. Como podia a deusa tê-los libertado no mundo, sabendo aquilo que tinham de enfrentar?

Caramba, a Simi tinha razão. Ártemis *era* uma deusa-cabra.

Valério franziu o sobrolho ao ouvir a raiva na voz de Tabitha. Não estava habituado a que alguém ficasse do seu lado, fosse qual fosse o assunto. Nem enquanto homem, nem enquanto Predador da Noite. Parecia destinado a ficar sempre no lado perdedor de qualquer assunto, independentemente de estar certo ou errado.

— Poucas coisas são justas.

Ele bebeu o vinho que restava e levantou-se, depois inclinou a cabeça.

— Agradeço-te pela comida.

— Sempre às ordens, Val.

Ele ficou rígido quando ela usou o diminutivo que desprezava. As únicas pessoas a usá-lo tinham sido o irmão Marcus e o pai e, mesmo assim, apenas para gozar com ele e o rebaixar.

— O meu nome é Valério.

Ela olhou para ele, friamente.

— Não te posso chamar Valério. Cruzes. Parece o nome de um ca-lhambeque italiano. E sempre que oiço esse nome, sinto uma necessidade profunda de o dividir em Vo-lar-ray. Oh, oh, oh, e depois começo a pensar



no filme *The Hollywood Knights* e acredita que não queres que eu vá por aí. Então, para proteger a minha sanidade e impedir que essa música da treta ecoe na minha mente, acompanhada por imagens de um lunático a correr pelo ginásio do liceu a fazer coisas inenarráveis, podes ficar conhecido como Val ou Docinho.

O olhar dele tornou-se mais pesado.

— O meu nome é Valério e não responderei por Val.

Ela encolheu os ombros.

— Ótimo, Docinho, é como quiseres.

Ele abriu a boca para protestar, mas já sabia que não valia a pena discutir. Tabitha tinha o dom de fazer exatamente o que queria, ignorando todos os argumentos.

— Muito bem — disse, a contragosto — suportarei Val. Mas apenas vindo de ti.

Ela sorriu.

— Vês que não dói nada? De qualquer forma, porque é que haverias de odiar o nome?

— É vulgar.

Ela revirou os olhos.

— Deves ser mesmo divertido na cama — disse, sarcasticamente.

Valério ficou chocado com as suas palavras.

— Desculpa?

— Só me estava a perguntar como seria fazer amor com um homem que está tão preocupado em ser rígido... por outro lado... Nah. Não consigo imaginar alguém tão rígido a deitar a mão à massa.

— Garanto-te que nunca recebi qualquer queixa nesse campo.

— A sério? Então deves andar a dormir com mulheres tão frígidas que podes congelar cubos de gelo em cima delas.

Ele voltou-se para sair do quarto.

— Não vamos ter esta discussão.

Mas ela não lhe deu qualquer descanso, enquanto o seguia na direção das escadas.

— Vocês eram assim, em Roma? Quer dizer, de tudo o que li, vocês eram pura sexualidade.

— Posso imaginar as mentiras que contam.

— Então sempre foste assim tão tenso?

— De que te interessa?

A resposta dela deixou-o atordoado, quando ela o puxou, obrigando-o a parar.

— Porque estou a tentar perceber o que te tornou no que és agora. És tão fechado que quase não és humano.

— Eu não sou humano, menina Devereaux. Caso não tenhas reparado, sou um dos amaldiçoados.

— Querido, abre os olhos e olha à tua volta. Todos fomos amaldiçoados, de uma forma ou de outra. Mas ser amaldiçoado está longe de morto. E tu vives como se estivesses morto.

— Também sou isso.

Ela percorreu o corpo delicioso dele com um olhar escaldante.

— Para um homem morto estás em muito boa forma.

O rosto dele endureceu.

— Nem sequer me conheces.

— Não, não conheço. Mas a pergunta é: será que *tu* te conheces?

— Sou o único a conhecer-me.

E aquela frase simples disse tudo o que ela precisava de saber sobre ele.

Ele estava só.

Tabitha queria tocar-lhe mas sentiu que precisava de lhe dar algum espaço. Ele não estava habituado a interagir como pessoas como ela... por outro lado, poucos estavam.

Como a avó Flora, a vidente cigana da família, sempre dissera, Tabitha tendia a aproximar-se das pessoas como um comboio de mercadorias e passar-lhes por cima.

Tabitha suspirou quando ele deu mais um passo para longe dela.

— Que idade tens?

— Dois mil, cento e...

— Não — interrompeu ela. — Não estou a falar de anos como Predador da Noite. Que idade tinhas quando morreste?

Ela sentiu uma profunda onda de dor atravessá-lo com a recordação.

— Trinta.

— Trinta. Cruzes, ages como um idiota velho e enrugado. Ninguém ria no sítio de onde vens?

— Não — limitou-se a dizer. — O riso não era tolerado nem incentivado.

Tabitha não era capaz de respirar enquanto assimilava as palavras dele e recordava as cicatrizes que vira nas suas costas.

— Nunca?

Ele não respondeu. Em vez disso, continuou a subir as escadas.

— Irei retirar-me, agora.

— Espera — disse ela, correndo pelas escadas, para o contornar e o poder parar. Ela voltou-se para olhar para ele.

Podia sentir o tumulto no seu interior. Dor. Confusão. Sabia bem o quão odiado era aquele homem. Talvez o merecesse, mas no fundo de si não tinha tanta certeza.

As pessoas não se isolavam do mundo sem motivo. Ninguém era feliz sendo assim tão estoico.

E, nesse momento, ela percebeu uma coisa. Tratava-se de um mecanismo de defesa. Ela ficava impertinente e selvagem sempre que se sentia deslocada ou desconfortável.

Ele ficava frio. Formal.

Aquela era a sua fachada.

— Desculpa se disse alguma coisa que te ofendesse. As minhas irmãs dizem-me muitas vezes que transformei a ofensa numa forma de arte.

Um sorriso brincou com as pontas dos lábios dele e, se não estava em erro, os seus olhos tinham-se suavizado ligeiramente.

— Não me senti ofendido.

— Ótimo.

Valério estava tentando a ficar e falar com ela, mas sentia-se desconfortável só de pensar nisso. Nunca fora o tipo de pessoa com quem os outros conversavam. Mesmo quando era humano, as suas conversas giravam em torno de táticas de guerra, filosofia e política. Nunca conversa de circunstância.

Os seus diálogos com mulheres tinham sido ainda mais raros do que com os homens. Nem mesmo Agripina falara, verdadeiramente, consigo. Tinham trocado comentários, mas ela nunca partilhara com ele as suas opiniões. Limitara-se a concordar com ele e fazer o que lhe era pedido.

Tinha a sensação de que Tabitha nunca concordaria com ninguém, mesmo se soubesse que essa pessoa tinha razão. Parecia ser uma questão de princípio ter de discordar com tudo e todos.

— És sempre assim tão direta? — perguntou ele.

Ela mostrou-lhe um sorriso aberto.

— Não conheço outra forma de ser.

De súbito “Gimme Three Steps” dos Lynyrd Skynyrd começou a tocar na rádio.

Tabitha deu um guinchinho de felicidade e correu pelas escadas abaixo. Valério mal teve tempo de piscar os olhos, antes que ela aumentasse o som e corresse de volta para ele.

— Adoro esta música — disse ela, enquanto dançava.

Valério achou difícil concentrar-se em algo mais do que a forma como as ancas dela se agitavam, enquanto ela dançava e cantava ao som da música.

— Vamos, dança comigo! — disse ela, durante o primeiro solo de guitarra. Correu pelas escadas e pegou-lhe na mão.

— Isto não é música de dança.

— Claro que é — disse ela, antes de começar a cantar o refrão.

Contra a sua vontade, sentia-se muito divertido com ela. Em toda a sua vida, nunca conhecera ninguém que gostasse tanto de viver, que retirasse tanto prazer de algo tão simples.

— Vamos — tentou ela mais uma vez, quando houve uma pausa na letra. — É uma ótima música. Tens de admirar alguém que consegue fazer rimar “feller” com “the head color yellor”. — E piscou-lhe o olho.

Valério riu.

Tabitha parou.

— Oh, meu Deus, ele sabe mesmo como rir.

— Eu sei como rir — disse ele, alegremente.

Ela puxou-o das escadas e deu dois passos à sua volta, antes de o usar como poste e continuar a dançar.

Largou-o, estalou os dedos e baixou-se, depois voltou a subir.

— Um dia, acho que vais conseguir saltar desses sapatinhos polidos à mão e libertar-te.

Valério tossiu, limpando a garganta, e tentou imaginar tal coisa. Não era possível. Houvera um tempo, outrora, quando ainda era humano, em que talvez o tivesse tentado.

Mas esses dias tinham passado há muito.

Sempre que tentara ser outra coisa que não aquilo que era, alguém pagara um preço terrível por isso. Assim, tinha aprendido a continuar como era e a deixar os outros em paz.

Era melhor assim.

Tabitha viu o seu rosto tornar-se inexpressivo mais uma vez. Suspirou. O que seria preciso para tocar aquele tipo? Para alguém que era imortal não parecia gozar muito a vida.

Apesar de todos os defeitos de Kyrian, ela tinha de lhe dar crédito por isso. O antigo general grego gozava cada golfada de ar que respirava. Vivia a vida ao máximo.

Entretanto, Valério parecia limitar-se a existir.

— O que é que fazes para te divertires? — perguntou ela.

— Leio.

— Literatura?

— Ficção científica.

— A sério? — pergunto ela, surpreendida. — Heinlein?

— Sim. Harry Harrison é um dos meus preferidos, tal como Jim Butcher, Gordon Dickson e C.J. Cherryh.

— Uau — disse ela, espantada. — Estou impressionada. Dá-lhe, Dor-sai.

— Na verdade, prefiro os romances de Dickson *The Right to Arm Bears* e *Wolfing*.

Ora, isso era algo surpreendente.

— Não sei, *Soldier Ask Not* parece-me mais o teu estilo.

— É um clássico, mas os outros dois tocaram-me mais.

Hum... *Wolfling* era sobre um homem sozinho num mundo alienígena, sem amigos ou aliados. Isso confirmava as suas suspeitas em relação à vida dele.

— Alguma vez leste *Hammer's Slammers*?

— David Drake. Outro favorito.

— Sim, temos que adorar as cenas militares. Mas Cole escreveu um livro, há anos, chamado *The Quick*.

— Shaman. Um herói deveras complexo.

— Sim, estranhamente amoral e moral ao mesmo tempo. Nunca se sabe de que lado é que se encontra. Faz-me lembrar alguns amigos que tive ao longo dos anos.

Valério não conseguiu impedir um sorriso. Era tão bom ter alguém que conhecia o seu pequeno segredo. A única pessoa que ele conhecia que lia ficção científica era Acheron, mas os dois raramente falavam sobre isso.

— És uma mulher impressionante, Tabitha.

Ela sorriu-lhe.

— Obrigada. Agora, vou deixar-te ir para a cama — disse ela, suavemente. — Estou certa de que precisas de descanso.

O que mais desejava naquele momento era dar-lhe um beijo terno e amigável, mas pensou melhor. Em vez disso, observou-o enquanto se afastava e subia as escadas.

Valério regressou, em silêncio, ao quarto de Tabitha. Ela tinha uma presença tão poderosa que ele se sentia, literalmente, esgotado só por ter estado perto dela.

Despiu-se e pendurou as roupas para não as amarrotar, depois voltou para a cama para dormir.

Mas dormir era algo que não conseguia fazer. Pela primeira vez, sentiu o perfume dela nos lençóis.

Era o perfume de Tabitha. Quente, vivo. Sedutor.

E deixou-o imediatamente duro de desejo por ela. Tapou os olhos com a mão e cerrou os dentes. O que é que ele estava a fazer? Se havia coisa que não podia, enquanto Predador da Noite, era ter um relacionamento com uma mulher. E, mesmo que pudesse, Tabitha Devereaux era a última mulher no planeta com que o poderia fazer.

Como amiga de Acheron, ela estava-lhe de tal forma proibida que ele devia ligar a Acheron e exigir que ele arranjasse forma de o tirar dali.

Mas Acheron tinha-os deixado juntos.

Rebolando na cama, fez os possíveis por não inspirar profundamente

e imaginar qual seria o aspeto de Tabitha naquela cama. Os membros nus entrelaçados...

Praguejou, depois puxou uma segunda almofada na sua direção. Ao fazê-lo, viu uma pequena camisa de dormir de seda preta. Uma imagem de Tabitha com ela vestida ardeu através dele.

Não conseguia respirar. Antes que pudesse pensar melhor, puxou-a para si e deixou que a seda fria lhe acariciasse a pele. Segurou-a perto do nariz e inalou o seu perfume.

*Ela não é para ti.*

Era verdade, já matara uma mulher por ter sido tolo. Não tinha qualquer desejo de percorrer esse mesmo caminho.

Voltou a guardar a camisa de dormir debaixo da almofada e obrigou-se a fechar os olhos.

Mas, mesmo então, foi assaltado por imagens de uma mulher que devia, por todos os motivos, repeli-lo e que, no entanto, o cativava e enfeitiçava por inteiro.

**TABITHA** passou o resto do dia entre a loja e a base das escadas, onde se obrigava a voltar atrás e regressar ao trabalho.

Mas sentia uma vontade imensa de se juntar ao Predador da Noite que dormia na sua cama. Era uma tolice. Ele era um antigo guerreiro que nem sequer parecia gostar dela.

No entanto o seu beijo fora algo extraordinário. Naquele instante, durante alguns minutos, ele sentira tanto desejo por ela como ela sentia por ele. Não sentira uma absoluta repulsa por ela.

Esperou pelas quatro, depois foi acordá-lo.

Abrindo lentamente a porta, parou ao vê-lo a dormir. Estava deitado, de costas para ela, mas o que a fez parar foram as cicatrizes que lhe cobriam a pele. Não eram cicatrizes de combate. Eram o tipo de marcas que se encontram em alguém que foi chicoteado. Muitas vezes.

Ela não conseguia afastar os olhos. Sem pensar, atravessou o quarto e pousou a mão no braço dele.

Antes que se apercebesse, sequer, do que ele estava a fazer, ele já a prendera na cama, sob ele, uma mão no pescoço dela.

— Larga-me, Valério, ou vou magoar-te a sério.

Ele piscou os olhos como se acordasse de um sonho, relaxando de imediato o aperto.

— Perdoa-me — disse ele, enquanto lhe acariciava ao de leve o pescoço. — Devia ter-te avisado que não me acordasses pelo toque.

— Atacas sempre as pessoas que te acordam?

Valério mal conseguia respirar, ao sentir a suavidade da sua pele sob

a ponta dos dedos. Na verdade, estava a sonhar com ela. Só que ela estava no seu mundo. Envergando apenas um colar de pérolas e coberta de pétalas de rosa.

Ela era incrivelmente bela. Os seus olhos eram tão azuis. O nariz arrebitado e os lábios... eram dignos das lendas. Carnudos e sensuais, imploravam pela sua atenção.

Antes que se pudesse refrear, levou a sua boca à dela.

Tabitha gemeu ao sentir o gosto do guerreiro romano. O beijo dele era terno e suave, uma total antítese em relação à rigidez de aço do seu corpo. Fê-la derreter, enquanto envolvia as costas nuas com os braços, percorrendo as cicatrizes que as cobriam.

E estava bem consciente do facto de ele se encontrar completamente nu.

Valério rosnou ao sentir a língua dela a tocar levemente na sua. Ao sentir o seu cheiro e as curvas suaves que o envolviam. A ganga das calças dela roçou contra a pele dele, quando ela abriu as pernas e o abraçou com as pernas, compridas e sensuais. Passou uma mão pelo cabelo dele, afastando-o do rosto, antes de afundar nele os dedos e o puxar para si.

Ele ergueu a ponta da camisola para poder sentir o seu seio, passando a mão sobre o cetim do *soutien*. Ela gemeu, um som áspero que lhe vinha do fundo da garganta e que crepitou através dele.

Como Tabitha lhe dissera antes, passara demasiadas noites com mulheres que nunca tinham reagido tão abertamente ao seu toque. Ela passou as mãos pelos ombros dele, depois desceu ao longo das costas.

Tudo aquilo em que ele era capaz de pensar era em possuí-la. Em deslizar profundamente dentro dela, até que ambos ficassem saciados e fracos.

Enquanto procurava com os dedos o fecho na frente do *soutien*, uma pequena centelha de sanidade acendeu-se na sua mente. Ela não era para ele.

Valério retirou a mão.

Tabitha tomou-lhe a cabeça nas mãos e voltou a puxá-lo para ela.

— Eu sei o que és, Val. Está tudo bem.

Ela tomou a mão dele nas suas e voltou a guiá-la para o seu seio. Depois afastou o cetim até que ele pudesse sentir o mamilo duro e intumescido a brincar com a palma da sua mão. Ele não conseguia respirar enquanto sentia a suavidade do seu seio. Ela era tão quente, tão convidativa, que ele tinha dificuldade em acreditar que pudesse ser algo especial para ela.

— Dormes com todos os Predadores da Noite?

Ela ficou rígida.

— O quê?

— Só me estava a perguntar se também estiveste com o Acheron... o Talon.

Ela empurrou-o de cima de si.

— Que raio de pergunta é essa?  
— Acabei de te conhecer e já te ofereciste a mim por duas vezes.  
— Oh, seu idiota arrogante! — Ela apanhou uma almofada da cama e começou a bater-lhe com ela.

Valério ergueu a mão para se proteger, mas ela não parou.

— És tão parvo! Não posso crer que me perguntaste uma coisa dessas. Juro, nunca mais quero estar na mesma divisão que tu!

Por fim, os golpes de almofada pararam.

Ele baixou o braço.

Ela acertou-lhe com um golpe final, no cimo da cabeça, depois soltou a almofada.

— Para tua informação, pá, eu não sou a bicicleta da cidade. Não durmo com todos os tipos que conheço. Pensei que fosses... Oh, esquece. Para o diabo contigo!

Ela voltou-se e saiu de rompante do quarto. Bateu com a porta com tanta força que a janela, as contas sobre o espelho e o altar abanaram.

Valério deixou-se ficar deitado na cama, completamente atordoado pelo que tinha acabado de acontecer. Ela batera-lhe com uma almofada?

Ele sabia, graças ao seu encontro na noite anterior, que ela a podia ter atacado com algo bem mais doloroso, no entanto tinha-se refreado.

Para ser sincero, sentia-se aliviado com a reação intempestiva. A sua indignação tinha sido demasiado grande para ser fingida.

E isso enchia-lhe o peito de um estranho calor. Seria possível que ela gostasse realmente dele?

Não. Não era possível. Ninguém gostava dele. Nunca tinham gostado.

*“És inútil. Choro ao pensar no dia em que a mãe te trouxe a este mundo. A minha única felicidade é saber que ela morreu antes de poder ver a vergonha que trazes a esta família.”* Tremeu ao recordar as palavras que o irmão Marcus lhe dirigia, repetidamente.

O próprio pai desprezava-o. *“És fraco. Patético. Preferia ver-te morto a desperdiçar a água e a comida necessárias a sustentar-te.”*

As suas palavras eram gentis, comparadas com as que os seus irmãos Predadores da Noite lhe dirigiam.

Não, era impossível que Tabitha “gostasse” dele. Ela nem sequer o conhecia.

Ele não sabia porque é que ela era tão recetiva ao seu toque.

Talvez não passasse de uma mulher de paixões fortes. Ele era um homem belo. Não que fosse vaidoso em relação a isso. Era apenas a constatação de um facto. Ao longo dos séculos, inúmeras mulheres se lhe tinham oferecido.



Mas, por uma qualquer razão em que ele não queria pensar, desejava algo mais do que uma noite louca com Tabitha.

Desejava...

Valério obrigou os pensamentos a mudarem de direção. Não precisava de ninguém, nem mesmo de um amigo. A sua vida era melhor passada sozinha, longe de outras pessoas.

Levantando-se, vestiu-se e deixou o quarto para se dirigir ao andar térreo.

Na sala de jantar, cruzou-se com Marla.

— Ohh, doce, não sei o que fizeste à Tabby, mas ela está possessa. Pediu-me que te dissesse que comesses antes que ela te envenenasse a comida ou fizesse algo pior com ela.

Valério ficou surpreendido ao encontrar vitela *marsala* e uma salada italiana com pão de alho à sua espera.

— De onde é que isto veio? — perguntou a Marla.

— Do Tony's ao fundo da rua. A Tabitha pediu-me que fosse lá buscá-lo. Ela e o Tony não se falam, de momento. Deus a adore, ela tende a deixar toda a gente irritada com ela. Mas depois passa-lhe. Passa-lhe sempre.

Valério sentou-se e deu uma dentada naquela refeição divinal. Nunca provara nada melhor. Porque é que Tabitha se dera a tanto trabalho por ele?

Estava a meio da refeição quando Tabitha atravessou a porta que dava acesso à loja.

— Espero que te engasgues — rosnou, enquanto avançava em direção à cozinha.

Valério engoliu um pedaço de comida, limpou a boca e deslizou da cadeira para ir atrás dela.

— Tabitha? — Puxou por ela, obrigando-a a parar. — Desculpa pelo que disse. Eu só...

— Só o quê?

— As pessoas nunca são simpáticas sem motivo. — E nunca eram simpáticas com ele.

Tabitha estacou. Estaria a falar a sério?

— O jantar estava bom?

— Delicioso. Obrigado.

— Sempre às ordens. — Libertou a mão. — Provavelmente já sabes que está escuro. Posso levar-te para casa quando estiveres pronto.

— Só preciso de parar para comprar óleo de lamparina.

— Óleo de lamparina? Não tens eletricidade?

— Tenho, mas é imperativo que compre óleo esta noite e vá para casa.

— Está bem. A vossa carruagem espera-vos a quatro quarteirões daqui, em casa da minha irmã Tia. Podemos comprar o óleo na loja dela.

— Ela tem óleo de lamparina?

— Sim. É uma sacerdotisa *voodoo*. Deves ter visto o altar que ela fez para mim, lá em cima. É um bocadinho estranha, mas adoramo-la mesmo assim.

Valério inclinou a cabeça em sinal de respeito, depois subiu as escadas para ir buscar o casaco.

Tabitha estava prestes a pegar nos pratos, quando Marla a enxotou.

— Eu trato disso.

— Obrigada, querida.

Marla repuxou o nariz.

— Sempre às ordens. Agora, vocês os dois vão divertir-se loucamente por mim. Quero todos os pormenores.

Tabitha riu ao tentar imaginar o que seria diversão “louca” com Valério. O mais certo era não ser nada mais milagroso do que levá-lo a calçar um par de ténis e beber de um copo de papel.

Valério voltou a juntar-se-lhe. Ela apressou-se a empurrá-lo para a porta da loja, antes que Marla visse o casaco e o confiscasse.

Ele estacou no interior da loja, de tal forma que ela chocou contra ele. De boca aberta, ele analisava a loja com uma expressão de horror absoluto estampada no rosto.

— Onde é que estamos?

— Na minha loja — disse Tabitha. — Pandora’s Box em Bourbon. Serve *strippers* e *drag queens*.

— Isto é... isto é uma...

— Uma loja para adultos, sim, eu sei. Herdei-a da minha tia quando ela se reformou. Agora fecha a boca e para de olhar fixamente. Faço muito dinheiro e amigos neste sítio.

Valério não conseguia acreditar no que estava a ver. Tabitha era dona de um antro de iniquidade? Porque é que isso o surpreendia?

— E foi precisamente isto que provocou o declínio do mundo ocidental — disse ele, enquanto passava por uma vitrina onde estavam expostas tangas e autocolantes para mamilos.

— Oh, sim, claro — disse Tabitha. — Como se não desses o braço direito para ver uma mulher vestida na minha loja a despir-se para ti. Boa noite, Fanny — disse à mulher atrás no balcão. — Não te esqueças de dar a Marla os recibos e os talões quando fechares, esta noite, está bem?

— Certo, chefe. Diverte-te.

Tabitha guiou-o até à rua. A cidade já começara a levantar as barricadas nos cruzamentos, por forma a transformar a Bourbon numa avenida reservada a peões durante a noite. Ela virou para à esquerda em Bienville

Street, em direção à casa da irmã; durante todo esse tempo, manteve-se atenta a qualquer atividade suspeita.

Valério permanecia em silêncio.

Quando se aproximaram do cruzamento seguinte, ouviu Valério praguejar.

Dois segundos depois, foi atingido por um relâmpago.